

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Antônio Diniz da Cruz e Silva

O Hissope



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Antônio Diniz da Cruz e Silva

O Hissope

Publicado originalmente em 1802.

**Antônio Dinis da Cruz e Silva
(1731 – 1799)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 322



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Antônio Diniz da Cruz e Silva: “*O Hissope*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Antônio Dinis da Cruz e Silva nasceu em Lisboa, em 1731, filho de uma modesta família lisboeta, cujo pai imigrou para o Brasil pouco antes do seu nascimento, deixando a educação dos filhos a cuidado de sua esposa.

Antônio Dinis estudou Latim e Filosofia no Colégio dos Oratorianos e, em 1747, entrou na Universidade de Coimbra onde estudou Direito, altura em que terá escrito os seus primeiros poemas.

Poeta do Neoclassicismo, fundou em Lisboa, em 1756, juntamente com dois outros bacharéis em Direito, Esteves Negrão e Teotônio Gomes de Carvalho, aos quais se juntou mais tarde Correia Garção, a Arcádia Lusitana ou Olissiponense, adotando o pseudônimo arcádico de gosto clássico Elpino Nonacriense.

Seguiu a magistratura, sendo nomeado juiz em Castelo de Vide, em 1759, e em Elvas, em 1764. Mais tarde, foi promovido a desembargador da Relação do Rio de Janeiro. Nomeado posteriormente desembargador da Relação do Porto, regressou a Portugal, em 1774.

Em Julho de 1790 foi nomeado Desembargador da Casa da Suplicação. Nesta qualidade foi de novo ao Brasil como parte da comitiva enviada a este território para julgar os réus da revolta que ficou conhecida por Inconfidência Mineira (o célebre caso Tiradentes), na qual estavam implicados amigos seus poetas, tais como Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Inácio José de Alvarenga Peixoto.

Em Dezembro de 1792, foi nomeado para exercer as funções de Chanceler da Relação do Rio de Janeiro e seis anos depois conselheiro do Conselho Ultramarino, funções que o obrigavam regressar a Lisboa, mas onde não teve tempo de regressar, pois faleceu no Rio de Janeiro a 5 de Outubro de 1799.

Antônio Dinis da Cruz e Silva foi um fiel seguidor dos princípios estéticos preconizados pelo neoclassicismo, nomeadamente o francês, e só em raros momentos libertou a sua poesia dos convencionalismos arcádicos.

Para a História da Literatura portuguesa, Cruz e Silva notabilizou-se como fundador da Arcádia Lusitana, juntamente com outros estudantes coimbrões; como o criador do poema herói-cômico "O Hissope", considerado por Garrett como a "verdadeira coroa poética de Dinis"; como renovador de gêneros de matriz clássica, como a ode pindárica e, sobretudo, como um dos escritores que mais se esforçou pela difusão do ideal clássico de pureza, equilíbrio e bom gosto, contrariando assim os excessos do Barroco.

A sua obra de maior vulto, talvez a mais apreciada obra de todo o período arcádico, é o poema herói-cômico *O Hissope* (de 1768), verdadeira obra-prima do humor nacional, que desfrutou de grande popularidade e foi traduzido para francês, inglês e alemão.

O poema foi escrito no estilo épico de *Os Lusíadas*, num estilo propositadamente escolhido para melhor realçar o ridículo. Tem como tema uma questão de cerimonial entre o bispo de Elvas e o deão da respectiva Sé. O poema ridiculariza os valores feudais, a mentalidade escolástica, a poesia gongórica, o fausto da aristocracia e os abusos praticados pelo alto clero.

Os Arcades tinham como lema publicar muito pouco ou mesmo nada das suas obras em vida. Também Cruz e Silva publicou pouco em vida — apenas quatro hinos, três idílios, duas odes e um ditirambo. A sua obra, na sua maioria, só foi publicada depois da sua morte.

Em 1801 são publicadas as "Odes Pindáricas", em 1802 o poema "O Hissope" e, entre 1807 e 1817, parte significativa da sua obra foi publicada em seis volumes sob a denominação "Poesias".

Permanece ainda hoje inédita uma parte considerável da sua obra.

Wikipédia
Maio, 2014

ÍNDICE

CANTO I	1
CANTO II	8
CANTO III	13
CANTO IV	21
CANTO V	30
CANTO VI	44
CANTO VII	52
CANTO VIII	62

O HISSOPE

POEMA HERÓI-CÔMICO

CANTO I

Eu canto o BISPO, e a espantosa guerra,
Que o HYSSOPE excitou na Igreja d'Elvas.
Musa, Tu, que nas margens aprazíveis,
Que o *Sena* borda de árvores viçosas,
Do famoso *Boileau* a fértil mente
Inflamaste benigna, Tu me inflama;
Tu me lembra o motivo; Tu, as causas,
Por que a tanto furor, a tanta raiva
Chegaram o Prelado, e o seu Cabido.

Nos vastos *Intermúndios* de *Epicuro*
O grão país se estende das Quimeras,
Que habita imenso Povo, diferente
Nos costumes, no gesto, e na linguagem.
Aqui nasceu a *Moda*, e d'aqui manda
Aos vaidosos mortais as várias formas
De seges, de vestidos, de toucados,
De Jogos, de Banquetes, de Palavras;
Único emprego de cabeças ocas.
Trezentas belas, caprichosas Filhas,
Presumidas a cercam, e se ocupam
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aqui seu berço teve a espinhosa
Escolástica vã *Filosofia*,
Que os Claustros inundou; e que abraçaram
Até a morte os pérfidos *Solipsos*.
Daqui saíram, a infestar os campos
Da bela Poesia, os *Anagramas*,
Labirintos, *Acrósticos*, *Segures*,
E mil espécies de medonhos Monstros,
A cuja vista as Musas espantadas,
Largando os instrumentos, se esconderam
Longo tempo nas grutas do Parnaso.
Aqui (coisa piedosa!) alçou a fronte
A insípida *Burleta*, que tirana

Do Teatro desterra indignamente
Melpómene, e *Tália*, e que recebe
Grandes palmadas da Nação castrada.
Do denso Povo, que o país povoa,
Um com pródiga mão ricos tesouros,
A troco d'uma Concha, ou Borboleta,
Ou d'uma estranha Flor, que represente
As vivas cores do listrado *Íris*,
Despendem satisfeitos: Outros passam,
Sem cessar, revolvendo noite e dia
Do antigo *Lácio* antigos manuscritos,
Do roaz tempo meio-consumidos,
Para depois tecer grossos volumes
Do – H – sobre a pronúncia; ou si se deve
A Conjunção unir ao Verbo, ou Nome,
Que marcham antes d'ela no discurso.
Alguns (mísera gente!) inutilmente
Compõem grandes *Ilíadas*, e tecem
Aos vaidosos *Magnatas* mil *Sonetos*,
Mil *Pindáricas Odes*, e *Epigramas*,
A que apenas de olhar eles se dignam.
Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar três *Anticiras*,
Abraçados se crêem d'um santo fogo,
E ter comércio com os altos Deuses:
Senhores da áurea fama e seus tesouros,
Se inculcam aos *Heróis*, e em seus delírios,
Se julgam mais felizes, e opulentos
Que o grande Imperador da *Trapizonda*;
Em quanto, na pobreza submergidos,
Cobertos de baldões, e de impropérios
Dos Ricos ignorantes, e dos Grandes,
Com mofa e com desprezo, são olhados.
Deste pois populoso, vasto Império
Em paz empunha o cetro poderoso
O Gênio tutelar das *Bagatelas*.
N'um majestoso *Alcáçar*, que se eleva,
Com estranha estrutura, até as nuvens,
Assiste o grande Nume; e d'ali rege
A *Lunática* gente, a seu arbítrio.
De transparente talco fabricado
É o largo edifício, que sustentam
Cem delgadas colunas de miçangas.
Nos quatros lados, em igual distância,

Quatro torres de lata se levantam,
Do Capricho obra, em tudo, muito prima,
Onde a matéria cede muito à Arte.
Aqui pois a Conselho chama o Gênio
Do seu Império os principais Dinastas.
N'um vistoso salão, todo coberto
De papel prateado, e lantejoulas,
Se ajunta a grande Corte; e ali, por ordem,
Assentando-se vai: aos pés do trono
De alambres e velórios embutidos,
A Lisonja se vê, e a Excelência;
Segue-se a *Senhoria*, e abaixo dela,
O *Dom* surrado, as grandes *Cortesias*,
O *Wisth*, o *Trinta e um*, os *Comprimentos*;
E logo o *Vampirismo*, os *Sortilégios*,
Os *Silfos*, *Salamandras*, *Ninfas*, *Gnomos*
E os outros Gênios da sutil *Cabala*.
De mil vãs *Cerimônias* rodeada,
Os assentos reparte a *Precedência*.

Composto o grão rumor, e sossegado,
Assim do alto do trono o Gênio fala:
“Ilustres moradores deste excelso
Magnífico Palácio, bem sabido
Já há muito tereis o quanto deve
O meu augusto Gênio, a nossa Corte,
Ao grão Prelado, que as ovelhas pasce
Dos *Elvenses* redis: notório a todos
Sem dúvida vos é, como pospondo
Das funções mais piedosas o cuidado
Às nossas bagatelas, só se emprega
Em coisas vãs, ridículas, e fúteis.
A corrupta, mas Real Genealogia,
O roxo terciopelo dos sapatos,
As pedras, que lhe esmaltam as fivelas,
A preciosa Safira, a linda Caixa,
Onde, (sobre *Anfitrite* que tirada
De escamosos *Delfins*, numa áurea Concha,
Os verdes Campos de *Netuno* undoso,
Cercada de Tritões, nua passeia)
Do famoso *Martin* o verniz brilha;
Seu emprego só são, e seu estado.
Enfim, entre os mortais, não há quem renda
À minha Divindade maior culto.

Agradecido pois ao grande empenho,
Que mostra em nos honrar, tenho disposto
Das à sua vaidade um novo pasto.
Que à uma escusa porta o *Deão* saia,
Com Hissope, a esperá-lo, determino.
Deste meu parecer quis dar-vos parte,
Não só para escutar os vossos votos,
Mas para que saibais e fiqueis certos,
Que a Corte não fazeis a um Nume ingrato.”

Acabou de falar: e confirmando
Todo o sábio Congresso e seu ditame,
Um sussurro no Conclave se espalha,
Ao do Zéfiro em tudo semelhante,
Quando nas frescas tardes suspirando,
A bela *Flora* segue, que travessa
Cá, e lá, entre as flores, se lhe furta.

Mas a vã *Senhoria*, que se lembra,
Que em casa do *Deão* sempre encontrara
A mais benigna, a mais certa guarida,
Que seu nome na boca do Lacaio,
Do Cozinheiro, da Ama andava sempre,
A cabeça movendo descontente,
Três vezes escarrou, e a voz alçando,
D’esta sorte falou ao grão Déspota:

“Soberano Monarca, que Tu queiras
Premiar a quem te honra, empresa digna
É de teu coração: eu mesma aprovo,
E mil vezes ditara este conselho:
Mas que, para o fazer, hoje pretendas
Que um *Deão*, de *crescente* e curta vista,
A digna abata, e a esperar saia,
N’uma porta de escada, e seu Prelado;
Num justo me parece, nem louvável.
Se Tu queres honrar sua Excelência,
Outras maneiras há de consegui-lo:
Na mesma Igreja de *Elvas*, e Cabido
Há um *Bastos*, um *Souza*, dois *Aporros*,
Que, juntos com os *Pitas*, podem todos
Inda a mesma com uma acompanhá-lo,
Levantar-lhe a cortina do traseiro,
Lavar-lhe o nédio cú, - e até beijar-lhe.

Estes, e outros desta mesma estofa,
De que o Bispado, quase todo, abunda,
Às costas vão buscar o gordo Bispo,
Que inda que um pouco pesa, vem seguro:
Que são Cavalos mestres, e possantes.”

Mais queria dizer o vão Dinasta,
Quando, do seu assento, esbravejando,
Se levanta impetuosa a *Excelência*
O furor que lhe inflama o grave aspecto
As palavras lhe corta; e principia
Cem vezes o discurso, e o logo pára:
Até que nestas descompostas vozes
Finalmente atroou a grande sala:

“Como! E é possível que haja quem se atreva,
Neste Congresso, a opor-se, cara a cara,
Aos obséquios, que Tu, oh Nume, ordenas
À uma Reverendíssima Excelência?
Um *Deão*, c’o seu *Bispo* comparado,
Um cominho não é? Se Tu, oh Nume,
O teu grande projeto não sustentas,
Eu só...” E nisto bate o pé na Casa.

Ao rijo som da bestial patada
Tremeu o régio solo, e o pavimento.
Assentes, e Assistentes assustados
Caíram pela terra. Então o Gênio
Alçando um pouco a voz: “Basta (lhe disse)
“Eu disputas não quero em meu Conselho,
Minha resolução está tomada;
Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho;
Eu o que escrevo uma vez, nunca mais borro.”

Aqui, c’o rosto um pouco carregado,
O Conclave despede; e logo chama
A vistosa *Lisonja*, que n’um ponto
Cem caras, cem vestidos, cem figuras,
Cem línguas toma, e muda brevemente
De palavras, e tom, segundo o gosto
Dos que o governo tem; e assim lhe fala:

“Magnata principal da minha Corte,
Eu, para executar este projeto,

Entre todos te escolho; diligente
Parte a cumpri-lo; pois de tuas artes,
E de ti só confio a grande empresa.”

Acaba; e mais veloz que a leve seta
Parte do *Itureo* arco, ou na alta noite
Cair se vê do Céu brilhante estrela,
Voa o falso ministro, abrindo os ares.

Junto da boca do cruel *Averno*,
A Província se vê da *Dependência*,
Cujos Campos retalha, murmurando,
Um pequeno ribeiro de água turva:
Não cria em suas margens tronco altivo;
Mas só ervas humildes, e rasteiras
Produz o seu humor; se algum arbusto
Mais viçoso rebenta, as suas folhas
Tem para a terra todas inclinadas.
Funesto influxo do liquor maligno,
Que o suco lhe ministra! Aqui, voando,
A *Lisonja* chegou; enchendo de água
Uma pequena infusa, que trazia,
As asas abre, parte alegremente,
Fendendo os leves ares; mil Cidades,
Mil Povos deixa atrás, até que chega
Da famosa azeitona à grande Terra.

Aqui, tomando a forma do Lacaio
Do farfante *Deão*, entra na Casa,
A tempo que, de *chambre* e de chinelas,
Pela comprida sala passeava,
Sorvendo uma pitada de tabaco,
Do quando em quando, sua Senhoria:
Ora a janela chega, e aplicando
Uma pequena lente à curta vista,
O que passa na Praça vigiava;
Ora arrotando, para dentro, torna.
Ardia então em calma toda a terra,
E o calor, que as goelas lhe secava,
Lhe faz bradar por água, e caramelos.

A *Lisonja*, que idôneo tempo vira
Para tamanha empresa, um copo enchendo
Da turva linfa do regato impuro,

Com quatro caramelos, n'uma salva
Lhe levou mui lampeira; ele sorvendo,
Com muita mogiganga o fofo açúcar,
Os dedos lambe, e logo o copo vasa
Do maligno liquor dentro na pausa.
Acabou de beber; e pouco a pouco
O veneno se atua dentro na alma:
Uma chama sutil, um vivo foge
Lentamente se ateia: arde em desejos
De ir o Bispo buscar, de oferecer-lhe
O mais ativo incenso; mil obséquios
Na cabeça lhe rolam, e o transportam:
Da tarde em todo o resto não sossega,
Nem na profunda noite estas idéias
O deixam descansar um só momento:
Sobre os fofos colchões revolve o corpo,
Mil maneiras pensando de adulá-lo.
Umaz vezes lhe lembra debuxar-lhe
Em dourado papel sua prosápia,
Mas de Genealogia nada entende
O triste, por seu mal: outras lhe ocorre
Ir calçar-lhe os sapatos: com inveja
Olha o ilustre *Almeida* a feliz sorte,
Que os pratos, e a bebida lhe ministra.
De noite a maior parte assim consome
Nestes projetos vãos; e com nada assenta.

Até que, junto ao toque da alvorada,
A *Lisonja*, tomando a leve forma
D'um doce sonho (apenas cerra os olhos),
Entre mil vãos fantasmas lhe aparece,
E assim lhe fala: "Oh grande Dignidade,
Cabeça ilustre do Cabido *Elvense*,
Se do teu alto engenho hoje pretendes
Dar ao mundo uma prova, humildemente
Tomando o bento Hissope, a porta nova,
Com ele, o teu Prelado, pronto espera.
Honrar nossos Maiores coisa é santa,
Que a natureza inspira: da Sintaxe
O cartapácio diz, que *mais ilustres*
Seremos, quando formos mais humildes."
Neste ponto acordou o Prebendado;
E vestiu-se a pressa, à Igreja corre;
Sem fazer oração, o *Hissope* toma,

E com ele, na porta sinalada,
Sua Excelência espera: ali apenas
Da liteira assomou o grande macho,
Por terra se prostrou, e desta sorte
Ao Pastor, que se apeia, o *Hissope* oferece,
Que uma santa vaidade respirando,
Nele alegre pegou, e o sacro *Asperges*
Circunspecto lhe lança; em si cuidando,
Que todo este profundo acatamento
A seu ilustre berço era devido;
E, nestas vãs idéias engolfando,
Foi devoto cantar a grande Missa.

CANTO II

Reinava a doce paz na santa Igreja;
O *Bispo*, e o *Deão*, ambos conformes
Em dar, e receber o bento *Hissope*,
A vida em ócio santo consumiam.
O bom vinho de *Málaga*, o presunto
Da célebre *Montache*, as Galinholas,
As Perdizes, a Rola, o tenro Pombo,
O grão Chá de *Pequim*, e lá da *Meca*
O cheiroso Café, em lautas mesas,
Do tempo a maior parte lhes levavam;
E o restante, jogando exemplarmente,
Ou dormindo, passavam, sem senti-lo.

Em tanto a *Senhoria*, em cujo peito
Altamente ficou depositada
Da soberba Excelência a petulância,
Mil vinganças na mente revolvendo,
Consigo mesma diz: “Que! Porventura
Não sou Eu a sublime *Senhoria*,
Ídolo de Pelões, e de Casquilhos?
Quantas Moças gentis, em cujos rostos
Entre lírios brilhar se vêem as rosas,
A meu culto são rendem seus cuidados:
Quantos graves Varões, que sobre os livros,
Ou de cãs sob os elmos se cobriram?
Nas ricas, e faustosas assembléias
Não tenho porta franca? Não me fazem
Os Circunstantes todos mil lisonjas?

Não correm após mim? não me festejam?
Pois como sofro que a *Excelência* altiva,
A seus pés me derrube, e me atropеле?
Ah! se esta injúria sofro; com desprezo
Entre a gente será meu nome ouvido:
Nem em Casas armadas de damasco,
Ou de panos de rás, onde espumando
Na rica transparência porcelana,
Da *Carácas* se seve o Chocolate,
Roda o Chá, o Café, se joga o *Wisth*,
Terei, como costume, entrada livre:
E somente nas lojas dos barbeiros,
Ou pintadas boticas, entre as moscas,
A vida passarei triste, e sem honra.
Às armas pois corramos, e à vingança;
Que desmaiar à vista dos perigos
É de ânimo abatido indício certo.
Mil artes, mil maneiras de vingar-me
Buscará minha astúcia. O mundo inteiro
Hoje conhecerá minha potência.”
Disse: e sobre o veloz dourado carro,
Que tiram seis Pavões, irada sobe,
Levemente rasgado o ar sereno.

Nas entranhas de *Ródope* escabrosa
Uma furna se rasga, tão medonha,
Que um gelado tremor, à sua vista,
Dos tímidos mortais os ossos corre:
Aqui lutando sempre em viva guerra,
Rugem mil furacões de opostos ventos,
Aqui se ouvem silvar horrendamente
Górgones, e *Cerastas*. A *Discórdia*
Aqui morada tem, aqui tem seu trono.
A este horrendo hospício a *Senhoria*,
Batendo as rédeas às pomposas aves,
Guia soberbo carro. Espavorido
Da triste vista do medonho alvergue,
Três vezes quis atrás volver o vôo
Das belas aves o soberbo tiro;
E três vezes o Gênio vingativo,
Sacudindo, raivoso, o longo açoite,
O constrange, por fim, a tomar terra.
Ali do Carro desce, e às palpadelas,
Pela cega caverna entra animosa.

No mais profundo da sombria estância
Assiste a cruel Deusa, cujo rosto
Apenas se devisa, à luz confusa,
Que espalham, respirando de contínuo,
Por olhos e gargantas, mil Serpentes.
Aqui o Gênio chega, e derribado
Pela terra, que beija humildemente,
Desta sorte falou: “Nume terrível
Cujo grande poder, cuja vingança
A Terra faz tremer, e o mesmo Olimpo
A teus pés hoje chega a *Senhoria*;
Atrozmente ultrajada, o teu socorro
Contra a fera *Excelência*, humilde implora:
Se de peitos ilustres glória, e timbre
Foi sempre proteger os desvalidos,
Tu me vale em meus males, Tu castiga
D’um Gênio insultador a petulância.
Além disto presumo, não ignoras,
Que o farfante *Deão* da Igreja de *Elvas*,
Pela baixa lisonja persuadido,
Esquecido da sua dignidade,
Numa porta travessa, o bento *Hissope*,
Vem, sem brio, oferecer ao gordo *Bispo*.
Daqui nasce a concórdia, que hoje reina,
Em desprezo da tua Divindade;
Na mesma Igreja e *Ócio*, e a *Preguiça*,
De teu poder zombando, nela habitam:
Tu mesma, se o meu pranto te não move,
Para crédito teu, perturbar deves
Esta serena paz, que o *Ócio* nutre.
Tu podes, se te agrada, a um só aceno,
No seio da família mais conforme,
Dissensões semear, motins, e bandos,
Banhar no fraternal sangue inocente
O buído punhal; e num momento
A Terra confundir, e o Mar profundo:
Mil *Fraudes*, mil *Ciladas* e mil *Tramas*,
Como Escravas fiéis, prontas te servem.
Do *Deão* fascinado pois desperta
A inata presunção, o gênio altivo.
Tu faze, que conheça o desar grande,
Em que caído tem, e se arrependa
Do baixo incenso, que à *Lisonja* rende:

Tu lhe traze à memória, que seu nome,
Seu nome ilustre, na futura idade,
Dos Deãos no catálogo, com mofa
De todos os vindouros será lido;
Sabendo-se, que a tanto abatimento
Seu espírito chegou; Tu furiosa
Os ânimos altera, e a paz desterra.”

Disse: e o tirano Nume respirando
Das entranhas um negro e vivo fogo,
Desta sorte responde: “Bem conheço,
Oh nobre *Senhoria*, quanto devo
A teu soberbo influxo; quantas vezes
Auxiliado tens minhas cabalas.
Sei, que, por teu respeito, se não fala,
Na Terra, muita gente; as muitas mortes
De que autora tens sido. Não me esqueço
Do que devo aos amigos. Vai segura,
Que eu já parto a vingar tuas afrontas.”

Aqui, sobre um feroz Dragão montando,
Rapidamente voa: incêndios, mortes,
Sacrilégios, traições, roubos ruínas
Vai deixando a Cruel, por onde passa.
Chega dos *Elvos* à Colônia antiga;
E vendo de passagem os *Domínicos*;
Entre o Prior, e os frades mil disputas
Sobre o chá, sobre o jogo, e sobre os Doces,
Que aos Tafues, com mão larga, dá na cela,
E sobre os trates, que as Senhoras manda,
Tiranamente excita: alguns gritavam
Que o Convento roubava, que a Clausura
E religiosa vida se perdera:
Outros, cheios de cólera, gritavam,
Que por jogar o *Wisth*, e dar merendas,
As rendas dissipava do Mosteiro;
Que por isso, no santo Refeitório,
A Fome cruelmente os consumia.
Mas o santo Prelado, todo cheio
De exemplar paciência, e de modéstia,
Vociferar os deixa, - e vai jogando.

Entre tanto a *Discórdia* encara a porta
Do grande Presidente do Cabido,

A tempo que estirado, à perna solta,
Sobre um mole Sofá, dormia a sesta.
Roncava mui folgada, e cada ronco
A grande sala estremecer fazia,
Ali, encarquilhado o feio rosto,
Um *Rosário* tomou, e na figura
Da velha e carunchosa Ama se torna:
Assim, a lentos passos caminhando,
Ao Cônego chegou; assim o acorda:

“Como, em tão doce paz assim repousa,
Dorme, e descansa vossa Senhoria;
Ao mesmo passo, que na Terra toda
Do seu nome se faz ludibrio, e mofa?
Como (discorrem uns) como é possível
Que o bom Capitular, que viu o *Papa*,
Que em Roma conversou com o Datário,
E do sacro Palácio com o *Mestre*,
Que joga o *Trinta e um*, e mais o *Wisth*,
Que chá, e que Assembléia dá em Casa,
A tanto abatimento hoje chegasse,
Que à porta da *Comuna* o *Hissope* traga,
Para oferecê-lo a um Bispo de má morte?
Outros dizem. – Parece coisa incrível,
Que a principal figura do Cabido,
Que tem loba de seda, e trouxe às costas,
Lá da famosa Itália a *senhoria*,
Tanto de si se esqueça, e do seu cargo? –
E Vossa Senhoria, ao ócio entregue,
Dorme profundamente? Acorde, acorde
Desse mole letargo, que é já tempo;
Veja o que deve a si, aos seus Maiores,
À grande Dignidade, que, brilhando
Com seus raios, o cerca majestosa;
E deixe a vil *Lisonja*, que o arrasta.”

Aqui, os turvos olhos esfregando,
O *Deão* abre a boca, estende os braços,
A cabeça levanta, e desta sorte
Ao Monstro enganador irado fala:
“Que frenesi é este, Velha tonta?
Está fora de si? ou bebeu vinho,
Que o miolo lhe faz andar à roda?
Reze nas suas contas: Quem a mete

Em coisas a falar, que não lhe tocam?
Vá-se logo daqui..." Nestas palavras,
Outra vez, sobre o mole travesseiro
A pesada cabeça cair deixa.

Então a cruel Deusa, ardendo em ira;
"Pois não queres de grado (lhe tornava)
Por teu brio acudir, a minha força
Agora provarás." Isto dizendo,
A furtada figura pronta despe,
As hidras arrepela da cabeça,
E cheia de furor, uma arrancando,
No seio do Deão, feroz a lança,
E súbito pelo ar desaparece.
Em tanto a cruel hidra a cauda ferra
Do Cônego nas míseras entranhas.
Em *Delfos* a famosa *Pitonisa*,
Toda agitada d'um furor Divino,
Não geme tão convulsa, tão raivosa
Não corre, não retorce os vivos olhos,
(Não podendo sofrer a Divindade)
Como o pobre *Deão*: - Do *Sofá* salta;
Correndo furioso toda a sala,
"Armas, armas (bradava) guerra, guerra."

A estas vozes acode diligente,
Da Casa toda gente; e presumindo,
Que algum grave acidente lhe roubara
De todo o pouco siso, pegam nele,
E por força o levaram para a cama,
Onde a cru cachação, a muro seco,
Lhe fizeram cessar parte da raiva.

CANTO III

Era dia de festa, e na alta torre
Da grande Catedral, de vinte sinos
O grave Carrilhão, rompendo os ares,
Os fregueses chamava à grande Missa,
Quando sua Excelência vigilante,
Montando a grã Liteira, em que se via,
Com modéstia exemplar, *Vênus* pintada
Sobre um globo de tenros *Cupidinhos*,

Qual ao mancebo *Adonis* ou a *Páris*,
Na *Idália* selva já se apresentara,
Para a Sé lentamente se encaminha.

Tu, jocosa Tália, agora dize
Qual seu espanto foi, sua surpresa,
Quando à porta chegando costumada,
Nela o *Deão* não viu, não viu o *Hissope*.
Tanto foi da *Discórdia* o fero influxo!
Caminhante que vê súbito raio,
Antes seus pés cair, ferindo a terra,
Tão suspenso não fica, tão confuso,
Como o grave Prelado: a cor mudando,
Um tempo imóvel fica; mas a raiva
Sucedendo ao desmaio, entra escumando
Na grande sacristia, e dali passa
Para o Altar mor, aonde se reveste,
Onde, como costuma, em contrabaixo,
Sem saber o que diz, a Missa canta.
Toda aquela manhã, uma só benção
Sobre o Povo não lança, antes confuso
Em profundo silêncio à Casa torna,
Onde logo a Conselho convocando
Toda a grande família, assim lhe fala:

“Amigos, Companheiros, que o Destino
Fez do meu mal e bem participantes,
O caso sabereis mais execrando,
Que até hoje no Mundo se tem visto.
O Deão...” (E aqui, dando um grão soluço,
Em pranto as negras faces todas banha,
Suspenso um pouco fica, e logo torna)
“O soberbo *Deão*, que sempre atento
Ao meu alto decoro, o santo *Hissope*
Vinha trazer-me à porta do Cabido
Hoje não só deixou de vir render-me
(Ah! Que não sei, se de nojo, como o conte!)
Este obséquio devido ao Real sangue,
Que nas veias pulsa heroicamente;
Mas, na sua cadeira empantufado,
Os Salmos entoava, em mim fitando
A carrancuda vista; de tal sorte,
Que mostrava insultar-me, com desprezo.
A raiva, e o grão furor, que a alma me ocupam,

Me tem fora de mim: não sei que faça
Para vingar tão grande e atroz delito.
Vós conselho, vós artes, vós maneira
(Pois a vós também chega a grande afronta)
Me dai, para punir este atrevido.”

Disse: e um grande Lacaio da liteira,
Famoso *Rodomonte* das tavernas,
A voz tomando a todos, desta sorte
Seu conselho propôs: “Tão grande caso,
Senhor, se leva a pau: eu tenho um raio
De sege, há muito já experimentado
Em funções semelhantes, eu com ele
De sua Senhoria tal vingança
Hoje espero tomar, que de escarmento
A todos sirva...” Aqui o grande *Almeida*
Gentil-homem da Câmara, e da Boca,
Homem de Gabinete, e de Conselho,
Bom Poeta, Orador, *Petrus in cunctis*,
Que goza do Prelado a confiança,
O discurso lhe atalha deste modo:
“Se este horrendo, execrável atentado,
Ao vê-lo, digno de que o *Sol* brilhante,
Os rúbidos Cavalos afastando,
Corresse a mergulhar-se eternamente
Nas voragens da noite mais espessa,
Se houvesse de levar, por força e armas;
Eu armas, coração, e forças tenho:
Mas violentos remédios só se aplicam
Em mal desesperado; isto suposto,
Astúcia, e mais astúcia se precisa;
Que, onde reina a *Prudência*, nada falta.
Vossa Excelência conta no Cabido
A muitos parciais, e lisonjeiros;
Estes pois, sendo a Conclave chamados,
Poderão sustentar o seu partido,
E obrigar que o *Deão* faça por força
O que fazer recusa voluntário.”

A estas vozes, babando-se de gosto,
O Prelado exclamou: “Oh raro engenho!
Meu poder, minha força, e meu conselho!
O teu voto me praz; segui-lo quero.
Chamem-me, logo logo, o douto *Andrade*,

O *Grã-Penitenciário*, o seco *Marques*;
E o jantar se prepare prontamente.”

Já na soberba mesa cem terrinas,
O vapor mais suave derramando,
A insaciável gula provocam,
Quando chegam ao cheiro os Convidados,
Que, feitos os devidos cumprimentos,
Sem distinção, em torno, se assentaram.
Começam a chover logo os manjares,
Cem Perdizes, cem Pombos vem voando,
Cem espécies de molhos, cem de assados,
Grandes Tortas, Timbales, pastéis, cremes
Cobrem com simetria a grande mesa:
A cabeça não falta de Vitela,
Nem do gordo animal a curta perna,
Cozida em branco leite, ou doce vinho.
Mil frutas, mil corbelhas, mil compotas
A terceira coberta logo adornam;
E em dourados cristais, oh loução *Baco*,
De tuas plantas brilha o roxo sumo.
Entre tanto na porta do Palácio,
A cem pobres o Bicho da Cozinha,
Por ordem do Pastor caritativo,
Um Caldeirão de caldo repartia.

Entre os copos, que em torno sempre giram,
Brevemente propôs o gordo *Bispo*
Aos bons Capitulares seu projeto,
Que todos aprovaram, e ali juram
Pelo doce liquor, que impetuoso
Pelas veias, e cérebro lhes corre,
De o sustentar – até darem as vidas
Por vê-lo felizmente executado.

Assim da lanta mesa entre as delícias
Largas horas passaram docemente;
Em um queijo de *Parma* inda roia
A alegre Companhia, pastejando,
Quando das santas *Vésperas*, na torre,
Fez sinal o relógio. Descontentes
Ao triste som do aborrecido sino
Se levantam em pé os Prebendados,
E fazendo uma longa reverência,

Correm velozes, por fugir da multa,
A ganhar no alto Coro os seus assentos:
Ali mesmo, primeiro que rezassem,
A seus sábios Colegas propuseram,
Que para resolver certo negócio
De maior interesse ao grande Corpo,
Preciso vinha a ser, que ao outro dia,
Em que o *Deão* da Terra se ausentava,
Se ajuntasse o Cabido. Na proposta,
Sem nenhum discrepar, todos concordam.
Engrolados os Salmos, para casa
Cada um se partiu, em si pensando
Qual seria o negócio, que obrigava
O Cabido a chamar. Alguns julgavam.
Que a *Pia d'Água Benta* se mudava:
Outros, cheios de gosto presumiam,
Que para se vender mais caro o trigo,
Que no comum Celeiro se guardava,
Algum Celeste arbítrio se encontrara.

Mas o famoso *Bastos*, d'outra sorte
Consigo discorria: "Certamente,
Para nos distinguir da baixa plebe
Dos vis Beneficiados, desta feita
(E como se ufanava!) Se nos manda,
Que de verde forremos as batinas;
E que Chapéu azul, com borlas brancas
Tragamos na cabeça." Neste ponto,
Em si próprio, de gosto, não cabendo,
Pulava para o ar, batia as palmas.
Não de outra sorte o mísero mendigo,
Que sonha achar tesouros soterrados,
Se alegre, salta, e folga, e se imagina
Igual ao *grã-Sophi* da rica Pérsia;
Que vão Capitular, que já se pinta
Na sua extravagante fantasia
A par do *grã-Lama*, no fausto e pompa,
Ou do fero *Muphti* dos *Muçulmanos*.

Cheio destas idéias entra em casa,
E para dar seu voto na Assembléia
Com mais legalidade, pedir manda
Ao Rábula do *Cêa* alguns Autores,
Que os Cânones sagrados comentaram.

- O douto *Acursio*, todo satisfeito
De poder granjear um Prebendado,
Esperando medrar por esta via,
E vestir alguma hora a roxa murça,
Digno prêmio das suas gordas letras,
Lhe envia o *Bertachino*, o grande *Granha*,
Tamborino, *Escolano*, *Spada*, e *Pichler*,
Meninas de seus olhos, flor e honra
Da rançosa, indigesta Livraria.

O bom Cônego, vendo os grossos tomos;
De prazer, em si próprio, não cabia:
Julgando, pelo vulto dos volumes,
Que deles qualquer seja Autor de arromba;
Já, sem demora ordena, que lh'os tragam,
Para um voto lançar, que semelhante
Nas Decisões da *Rota* não se encontre;
Papel de Holanda, penas, e tinteiro;
E para que completo em tudo fosse,
A Roda da Fortuna, e *Cristais d'alma*
Trazer manda também, fazendo conta
De, em partes, lhe sirgir alguns pedaços,
Que encantado o deixaram, quando os lera.
Isto ordenado, para a banca chega,
O lenço tira, o grosso monco assoa,
Toma tabaco, escarra, os livros abre,
E a folhear começa; porém vendo
Que nada entende do que está escrito,
Para a ceia se chega, e enchendo a pança,
Se foi a repousar no brando leito.

Já a rosada *Aurora*, derramando,
Do cândido regaço, sobre os prados,
Mil orvalhadas flores, despertava
Com a trêmula luz de sete cores,
Os míseros mortais a seus trabalhos;
Quando, na grande sala do Cabido,
Se ajuntam os zelosos Prebendados;
E tomando, por ordem, seus assentos,
Depois d'um breve espaço de silêncio,
Se alçou o grande *Abreu*, com rosto grave,
E feita uma profunda reverência,
Desta sorte falou: "Cabido ilustre,
Exemplar de Cabidos, e virtudes,

Bem sabe vossa illustre Senhoria,
Que goza felizmente a distinta honra
De ter por Chefe, por Pastor, e *Bispo*
Um ramo do Real *Português* Tronco:
Também sabe, que a glória da cabeça
Aos mais membros se estende; e além disto
Oculto lhe não é quanto se empenha
Em honrar sua Sé este Prelado.

Tu, *Santa Quarentena*, tu o dize;
Pois viste a importantíssima reforma,
Que em nossas grandes Capas fez zeloso
Este grande Prelado, não sofrendo,
De seus Capitulares em desdouro,
Os antigos franjados alamares,
Que a moda já ridículos tornara.
Deixo por ora de fazer memória
D'outras grandes ações, em que seu zelo
Por nós, brilhar se viu; e só não posso
Em silêncio passar aquela rara,
Grande, e quase Real magnificência,
Com que sua Excelência foi servido
A muitos membros deste grave Corpo
Uns *Capitães* fazer, outros *Tenentes*,
Alguns Alferes, Ajudantes outros,
Este *Major, Sargento e Cabo* aqueles;
Quando a *Fúria* infernal da voraz Guerra,
Rompendo as portas do espantoso *Averno*,
Desbocada saiu, o ferro, o fogo
Nas garras sacudindo; e furiosa,
Depois de ter corrido largo tempo,
Com sanguinosa planta toda a Europa,
Em *Portugal* entrou, ameaçando,
D'um estrago fatal, nossas Prebendas.
Nem o raro valor, com que seguindo
De seus Avós as ínclitas façanhas,
Ao som da *Caixa* e dos *Pífaros*, na frente
Da brava *Eclesiástica* falange,
Coronel General dignou-se chamar-se:
Ação, por certo, digna de ser lida
Com letras de ouro, na Gazeta da *Haya*,
Ou nas folhas volantes, que em *Lisboa*
Os Cegos apregoam pelas ruas.
Estas razões, Senhores, nos obrigam

A olhar, como própria, a honra sua.
Ela ultrajada se acha indignamente
Pelo altivo Deão; pois costumando
(Nós testemunhas somos, nós o vimos!)
Vir humilde esperar, com o santo *Asperges*
À porta deste Alcáçar, de repente,
Mudando se sistema, hoje refusa
Este obséquio render, este tributo,
De tão altas virtudes merecido;
Turbando injustamente em sua posse
O grandioso Prelado. Este desprezo,
Esta pois tão atroz, e negra injúria,
Quem em menoscabo seu, nas nossas barbas,
Se fez ao seu caráter, nós devemos
Prontamente vingar. Sim, consultemos
Os Cânones sagrados, e vejamos
A forma, o modo.” – Então o *Ramalhete*,
Teólogo chapado, e Canonista,
Que o Dialético *Faro* de cor sabe,
Que o Santo *Tomás* tem lido a suma,
O *Genet*, *Busembaum*, *Lacroix*, *Guimenio*;
Que sabe decidir magistralmente
A famosa questão, - se um Burro pode
O Batismo beber, ardendo em sede, -
Que argumenta nas Teses dos *Capuchos*,
E inchando do pescoço as cordoveias,
Infere, grita, prova, e nada colhe;
A voz alçando grave, e majestosa,
Nesta forma votou: “Lavar-se deve
Um terrível *Acórdão*, que de exemplo,
Da História nos anais, a todos sirva:
O farfante *Deão* seja obrigado,
Dele em virtude, a desistir da força
Que ao bom Prelado faz na sua posse,
Fulminando-lhe multas, e outras penas;
Este Cabido tem autoridade
Para o fazer: em muito bons autores
Assim o tenho lido: este é o meu voto.”

- O *Bastos*, neste instante, homem versado
Na lição de *Florinda*, e *Carlos Magno*,
Quis meter seu bedelho: mas *Andrade*,
De seu discurso não fazendo caso,
Do douto *Magistral* o voto apóia

Com mil textos que aponta, a trouxe moxe;
No *Sexto*, *Decretaes*, e *Clementinas*,
Capítulos inteiros terminantes,
Para prová-lo, encontra; e a outra turba
Que c'ó queixo caído os escutava,
Arqueando, de pasmo as sobancelhas,
No que dizem os dois, pronta, concorda.

Em vão o *Tesoureiro*, em vão o *Chantre*,
Homens austeros, que adular não sabem,
Se opõem três vezes ao sinistro *Acórdão*;
Que a *Lisonja* astuciosa, que, voando
Sobre suas cabeças, invisível,
Os seus votos inspira, faz que todos,
A calar-se, os obriguem; murmurando,
E levados da força da torrente,
Assinaram também o vão Decreto.

CANTO IV

Numa casa de campo, descuidado
Entre tanto, passava alegremente
O farfante *Deão* os longos dias
Em que *Febo* insofrido, unindo as fúrias
Às vezes que raivoso o *Cão* celeste,
Abraça as calvas terras *Transtaganas*:
Quando o Monstro veloz, que por cem olhos
Todas as cousas vê, e as cousas todas
Por cem bocas, cem línguas palra, e conta;
Com cem asas fendendo os largos ares,
Aos ouvidos lhe leva a cruel nova
Do bárbaro Decreto. Em paz serena
Então jogando sua Senhoria,
Ganhava um real *róber*: mas apenas
As orelhas lhe fere o infausto aviso,
Quando subitamente lhe caíram
Das mãos as Cartas. Pálido, e suspenso
Largo espaço ficou. – Não de outra sorte
Imóvel fica, que o mancebo ardido
Que seguindo no Campo, com seus galgos,
O fugaz animal, subitamente,
Ante os pés do Cavallo, vê a terra
Em profundos abismos despenhar-se.

Mas das potências recobrando o uso,
Que o súbito desgosto lhe embarga,
Escumando de raiva, entre si disse:
“Pois não querem a paz, haverá guerra.
Vós, santos Céus, e Tu, Astro brilhante,
Que o sai trazes, e que o dia levas,
E que eu nascer não vejo há longos anos!
Vós testemunhas sois, se eu pretendia
Mais, que em paz desfrutar minha Prebenda,
Comer, jogar, dormir, e divertir-me.
Mas já que Tu, oh *Bispo* revoltoso,
E Tu, infame, adulador Cabido,
A mudar me obrigais, com vis Cabalas,
De tão santo propósito, - até onde
Chegam dos *Laras* o valor e o brio,
Desta vez provareis.” Isto dizendo
Levanta-se furioso; e sem respeito
Ao real *Róber*, que ganhado tinha,
(Tanto pode a paixão no peito humano!)
Assim mesmo, e sem ver quanto indecente
Foi sempre à Senhoria andar à pata,
Ao caminho se pôs, aos ilhais dando,
Suando e melancólico entra em Casa.
Ali, sem sossegar, ora passeia
Pela comprida Sala, ora se assente,
Ora consigo fala. Em vão a mesa
Os Criados lhe põem; em vão os gordos
E tenros Perdigotos, a salada,
A fruta, o vinho, os doces o convidam;
Que, sem ceia, esta noite foi deitar-se.
Ali a mole pluma se lhe torna
Em duro campo da cruel batalha.
Mil cuidados o investem; seu decoro
Atrozmente ofendido, a todo o instante,
A memória lhe vem: ora d’um lado
Os lassos membro volve, ora do outro:
Suspira, tosse, escarra, e abrindo a caixa
Toma o insulso *rapé*, e não sossega.

A triste Senhoria, que chorando
A desonra comum, aos pés do leito,
Companhia lhe faz, compadecida
Do seu desassossego, veloz parte
A trazer-lhe um pesado, e doce sono.

Entre as rochas do *Bósforo Cimerio*
Uma gruta se vê, onde não entra
Já mais a luz do sol; sombria alcova,
Onde, em triste letargo submergido,
Repousa o *Deus do sono*, coroado
De brancas preguiçosas dormideiras:
Em torno ao torpe alvergue não se escuta,
Com seu canto, chamar o esperto *Galo*
Da *Aurora* a clara luz; nem na alta noite
Ladrar raivosos cães; mas só murmura
Um plácido ribeiro, que respira,
Com o surdo rumor, paz e descanso.
Outros menores *Sonos*, fértil prole
Do indolente *Morfeu*, ali assistem.
Tanta espiga não doura a fértil *Ceres*
No caloroso Estio; tantas flores,
Na fresca Primavera, pelos prados
Fecunda não produz a *Madre Terra*,
Quanto ali se vem, todos diversos
De gênios, de costumes, de figuras;
Uns de lúgubre aspecto, outros de ledão,
Muitos pesados são, muito são leves;
Estes, entre vãos sonhos, de contínuo
Pela escura Caverna andam voando;
Os olhos tem cerrados, e dormindo,
De mil ervas letárgicas o suco
Espremem dentre as mãos. Caladamente
Aqui se chega a triste *Senhoria*,
E um deles, pelas asas, agarrando,
À casa do *Deão*, consigo o leva,
Que urrando de desgosto, não dormia:
Mas mal o lumiar toca da porta,
Quando o humor sonolento derramado
Do sono pelas mãos, aos olhos chega
Do desperto *Deão*, que logo os cerra,
E a ressonar começa docemente.

Então o Gênio, em sonhos lhe aparece,
E falando com ele assim dizia:
“Que é isto, ilustre *Lara*! Assim desmaia
Teu forte coração! Como é possível,
Que quem pôde sofrer o grave aspeito,
Em *Roma*, das maiores Personagens,

Sem susto, sem temor, hoje esmoreça,
Perca toda a constância, trema, e gele,
Só a vã ameaça d'um Cabido,
A quem faltou, sem ti, alma e cabeça?
Ânimo pois, valor, e segurança,
Que o Campo cederam os inimigos.
Nesta Cidade tens discretas penas,
Tens de *Serpa* o Auditor, que o velho *Accursio*,
E *Bártolo* o famoso só despreza,
Por que idólatras foram, e adoraram
A *Jove*, *Marte*, e *Juno*, divindades
A quem aras ergueu o *Paganismo*.
O *Céa* tens também, tens o *Fernandes*,
Oráculos de *Astréa*, que seu dente
Em Cânones também metem ousados;
Estes consulta, e segue os seus ditames,
Para o orgulho abater de teus contrários.”

- “E tu, quem és, Espírito Celeste,”
(O *Deão* encantado, lhe pergunta,
Da graça, que no rosto lhe cintila)
“Que a consolar-me vens nos meus trabalhos!”

-“Eu sou (Ela lhe torna) a *Senhoria*,
A quem, com tanto extremo, tu adoras.”

A estas vozes, da cama salta fora,
Por terra se lhe prostra, bate os peitos,
De gosto doces lágrimas derrama,
Beijar-lhe quis os pés; mas neste instante,
Ela desaparece, e ele acorda.

Já o sol, esmaltando com seus raios
A alegre terra, entrava às furtadelas,
Das cerradas janelas pelas fisgas,
E as importunas moscas começavam,
Com seu lento sussurro, e com os curtos
Aguilhões, que nas caras lhes cravavam,
Quando o nosso *Deão*, todo engolfado
Na Celeste visão, se veste alegre;
As meias *gris de fer*, e mais as luvas,
A Casaca de seda, e mais a Capa,
Em sinal de prazer, preparar manda;
O *Crescente* penteia, e todo guapo

E do pó sacudido, sai de Casa.

Há d'Elvas na Cidade um Escritório,
Onde assiste a *Trapaça*, e o *Pedantismo*.
Ali os feios monstros consultados,
Do gritador *Fernandes* pela boca,
Suas respostas dão à rude plebe.
Aqui o Reverendo Prebendado
Seus passos encaminha, e aqui chega,
A tempo, que de *chambre*, o novo *Caio*
A um rude Camponês, que o escambo
Com outro seu vizinho, respondia:
Mil livros tem abertos, e mil textos
Em latim, *ad formalia*, lhe repete.
Mas se o rústico deles nada entende,
O Doutor muito menos entendia:
“O seu caso (lhe diz) próprio, escarrado
Neste livro, aqui temos, vá seguro,
Que, a seu favos, terá final sentença.”
Neste momento sua Senhoria
À porta chega, e o grã-Consulta, ao vê-lo,
Logo o rústico deixa, e vai buscá-lo.
À parte se retiram; e no caso,
Que o *Deão* lhe propõe, ambos conferem.
Aqui a Livraria vem abaixo;
De poeira uma nuvem se levanta,
Que sai dos velhos, e traçados livros:
Em vão sacode os punhos e a Casaca
O bom *Deão*; que quanto mais sacode,
Mais poeira dos livros vem caindo.
Lê, e relê o grã-Jurisconsulta,
E depois considerando, assim conclui:
“À Metrópole vossa Senhoria
Deve logo apelar. Isto me ensinam
Os Doutores, Senhor, que tenho lido.”
“Inda assim (replicou o fofo *Lara*)
Veja vossa mercê sempre o que dizem
No ponto *Van-Espen, Dupin, Bartholio*.
Estes livros louvar, e seus Autores,
Numa doura Assembléia tenho ouvido.”
- “Que *Van-Espen, Dupin*, e que Demônio?
(Disse o Consulta então escandecido)
Esses nomes jamais, esses escritos,
Nem ouvi repetir, nem meu Pecúlio

Com eles uma voz alega, e prova:
Sem dúvida serão d'alguns Hereges.
Aqui temos o bom *Panormitano*,
Em grande letra Gótica, os *Fagnanos*,
Valenças, *Belarminos*, *Anacletos*:
Estes sim, que são livros de mão-cheia;
E não esses Autores estrangeiros,
Que com sua doutrina a Igreja empestam,
O que lhe digo, faça: *Appélle*, *Appélle*;
E deixe-se do mais, que é parvoíce.
Avirto-lhe também, que não se esqueça
De pedir os *Apóstolos*; e sejam
Os *reverenciais*, por que suspendam
Do malévolo *Acórdão* os efeitos;
E não uma só vez; mas muitas vezes,
Com mais, e mais instância, instantemente.”
-“Isso (diz o Deão) é escusado;
Eu conservo, entre várias baforinhas
“(De *Agnus Dei*, de *Verónicas*, de *Bréves*,
Que trouxe lá de *Roma*, e ao despedir-me,
Me deu o *Passionei*,) uma Cabeça
Do glorioso *são Pedro*, coisa rara!
Obra de insigne Mestre. Talvez este,
Como Príncipe foi do Apostolado,
Baste no nosso caso, a serem nele
Os sagrados *Apóstolos* precisos.
Veja, Doutor, se tem isto caminho,
Por poupar-me a vergonha de pedi-los.”

-“Não são esses (sorrindo-se, lhe torna)
Mas outros, os *Apóstolos*, que digo,
E que precisos são no nosso caso:
Esta frase, Senhor, entre os Praxistas,
Tem diverso sentido, e significa
O como a *Apelação* deve expedir-se.
A alguns destes *modernos* tenho ouvido
Que fora no Romano Foro usada,
E nele os Canonistas a pescaram;
Eu porém deste achado, e d'outros muitos
De que eles se presumem os Autores,
(Do bom *Febo*, bom *Mendes*, e bom *Pegas*,
A luz e norma dos que o Foro cruzam,
Com punível despejo motejando)
Cá para mim me rio; pois não acho

Em meu Pecúlio semelhante nota.
 Faça pois, sem demora, o que lhe digo,
 Que outra estrada não tem, por onde possa
 Do *Acórdão* escapar à sem-justiça.”
 Corrido, e aconselhado ao mesmo tempo,
 Do Doutor o *Deão* se despedia;
 Quando o Consulto dando uma palmada
 Num livro, que na banca estava aberto:
 “Espere (lhe gritou) que neste instante
 Uma coisa me lembra de substância:
 De Juízes venais, e corrompidos
 Tudo esperar se deve; e deve tudo
 Com tempo prevenir, o que é prudente.
 E como os seus, Senhor, são deste porte,
 Se deve recear, que levemente
 A sua *Apelação* possam negar-lhe;
 Assim, por evitar longas ambages,
 Que dinheiro, paciência, e tempo gastam,
 Será melhor que Vossa Senhoria
 Apele logo, - *coram probo viro.*”
 -“E que querem dizer, Doutor amigo,
 Essas palavras, - *coram probo viro?*
 Que eu do latim estou quase esquecido:
 Sem embargo de que (dizia o *Lara*)
 Quando fui Estudante, era eu uma *Águia*,
 (Não o digo, Doutor, por fanfarrice;
 Que eu de bazófia nunca tive nada)
 Em declinar veloz nominativos:
 E na Classe o troféu levei mil vezes;
 Por sinal, que de tê-lo, boas fitas
 O Mestre me rapou, que era um alambre.
 Mas voam, voam os ligeiros anos,
 E daninhos, consigo, tudo o levam,
 Os gostos, a saúde, e a memória;
 E qualquer rapazinho agora pode
 Rachar-me com quinaos afoitamente.
 -“Querem dizer, que Vossa Senhoria
 (O Fernandes lhe volta) apelar deve
 Perante algum Varão, que em dignidade
 Constituído seja; *verbi-gratia*,
 O Guardião dos *Caspuchos*, dos *Paulistas*
 O Reitor, o Prior dos *Domínicos*;
 Este foi eficaz, pronto remédio,
 Que os famosos letrados *Palma*, *Décio*,

Bártolo, Castro, e Baldo descobriram
Contra injustos Juízes, que denegam
A justa *Apelação* aos Litigantes.
Esta lembrança é minha, (não entenda
Que, por gabar-me, o digo; os meus estudos
Assaz notórios são nesta Cidade).
Noves vezes (não trato por agora
Do Autor da *Arte legal*, nem do *Perfeito
Advogado*, ou do *Flaviense Gomes*,
Por serem todos três de menos polpa),
Tenho lido, e cotado em mil lugares
O grande Português *Cabral, Vanguère*,
E o famoso *Bremeu*, de cujo livro
Faz logo ver o Título a grandeza;
O mesmo digo do moderno *Campos*;
Sem que o nosso *Ferreira* me escapasse,
Autores todos de maiôs chorume,
Que esses seus *Zalweins*, que os seu *Bartélios*.
Esta lembrança pois, a dizer torno,
Nem todos teriam; não o *Céa*,
Não o Doutor *Caetano*, e a récua toda
Dos novos *letradinhos à francesa*,
Quem sem trégua as orelhas nos martelam,
Não sei com que *Noodts*, nem com que *Strachios*,
E outros galantes nomes tais como estes,
Que na boca não cabem, nem a língua
Pôde, bem que se afane, pronunciá-los;
Mouriscos devem ser, ou eu me engano,
Que *Cristãos* nunca usaram de tais nomes,
Vá pois, Senhor *Deão*, e sem receio
A sua *Apelação* pronto interponha,
Que aos Juízes depois intimar deve,
Se quer das multas escapar ao raio;
Que o terrível *Acórdão* lhe fulmina.
Não durma sobre o caso, nem descanse:
Que, segundo a vulgar regra em Direito,
O *Direito aos que dormem não socorre*.
- “Essa regra, Doutor, é o Diabo!
Merecia, o que a fez, as mãos cortadas”.
(O *Deão* assustado repetia.)
Visto isso, por amor desta demanda
Hei de eu perder a paz, e o meu sossego,
Não dormir, vigilar continuamente?
Oh ditoso *Arganaz*, e tu, *Marmota*,

Que sem demandas ter, nem ter cuidados,
Passais dormindo quase o ano inteiro!
Oh quanto mais feliz é vossa sorte,
Que a nossa, tristes homens! Pois, se acaso
Queremos defender nosso Direito,
O Direito nos deixa, se dormimos!
Meu Doutor, se essa regra é verdadeira,
Fique o malvado *Acórdão* subsistindo,
Chovam embora sobre mim as multas,
O vestido de seda, a loba, a murça,
Pela água abaixo vão, tudo se perca,
Contanto que eu não perca um só instante
Dos meus suaves, regalados sonos.”

Aqui, com branda voz, o bem *Fernandes*
Ao aflito *Deão* assim consola:
Senhor, os textos tanto ao pé da letra
Se não hão de entender, como imagina;
Não é da mente pois do grã-Consulta,
Que esta regra ditou prudentemente,
Que não devam dormir os pleiteantes,
Que isso seria desmarcada asneira;
Sua tenção somente foi lembrar-nos,
Que quem litígios tem, e quer vencê-los,
Deve tudo atentar, e ser esperto.”

-“Isso agora, (cobrando novo alento,
Diz o *Deão* farfante) é outra coisa.
Por esperto, não tenha, Doutor, medo,
Que me haja de vencer o gordo *Bispo*;
Que aqui, onde me vê, sou grão laverco:
Muitas vezes no *Wist*, estando as nove,
Na segunda partida, os meus Contrários,
De tais artes me valho, tais maranhas,
Que (não tendo mais que um) lhes ganho o *róber*.”

Isto dizendo, e feita uma zumbaia,
Do Doutor *Bartolista* se despede;
E mais ligeiro, que um ligeiro Galgo
Para a casa direito o fio toma,
Onde, sem se despir, manda, lhe tragam
Prestemente a comida, e prestemente
Engole, pensativo, alguns bocados;
E na mesma cadeira, sem deitar-se,

Umaz vezes dormindo, outras pensando,
Por algum tempo recostado.

CANTO V

Ainda o quilo bem não tinha feito
O farfante *Deão*; quando, lembrando
Do – *coram proba viro* – do Fernandes,
Abre a Caixa, e tomando uma pitada
De mofoso tabaco, assim dizia:
“Que inércia é esta? Que preguiça, oh *Lara*,
Que os membros, e sentidos te adormenta,
Quando por inimigos tens em Campo
O gordo *Bispo*, o *Abreu*, o *Ramalhete*,
Velhacos todos da primeira plana?
Al’erta, *Lara*, pois; al’erta, al’erta;
Que o *Diabo aos que dormem não socorre*,
E cumpre aos litigantes ser espertos.”

Isto dizendo, o corpo inteiriçava,
E abrindo a boca, e os olhos esfregando,
A modorra sacode, em que jazia:
E o suado *crecente* endireitando,
Sem atender ao sino, que o chamava
A *Vésperas* tocando, nem a multa,
Que a bolsa lhe ameaça, Sai de casa,
E por baixo da calma, com que assava
Sírio, ladrando, a sequiosa terra.
Aos *Capuchos*, de trote, se encaminha.
Sobre uma agra montanha, que se estende
Em pequena distância, dos soberbos
Guerreiros muros da triunfante *Elvas*,
O célebre Convento se levanta.
Aqui, da mole Inércia no regaço,
Das austeras fadigas descansando,
Da *Província*, se vê cem Padres Graves,
Ex-Guardiões, *Ex-Porteiros*, *Ex-leitores*,
Ex-Proprietaes, e alguns destes famosos
Pelas artes sutis, pela ardileza,
Com que forçado tem o *Espírito Santo*,
Nos rixosos *Capítulos*, mil vezes,
Os votos a seguir do seu partido.
Destes também no meio, ali se encontram

Do gordo badulaque *Ex-Cozinheiros*,
Na fumosa Cozinha, entre as tisanadas
Certas fuliginosas e marmitas,
Com grande glória sua, *jubilados*.
Aqui, suando pois, como um Cavalo,
Chega o *Deão*, a tempo, que o *Porteiro*
A porta da Clausura pronto abria;
Desta sorte lhe diz, sobressaltado:
“Que é isto, meu Senhor? Que estranho caso
“Aconteceu à Vossa Senhoria,
Que por baixo da calma tão intensa,
À nossa Casa o traz tão afrontado?
Matou acaso algum dos seus Colegas?
Roubou a Sacristia? ou, do *Diabo*
Tentando, violou alguma Virgem,
E asilo em buscar na nossa Igreja?”

-“Nenhum desses desastres, Deus louvado!
Me sucedeu; (o *Lara* lhe replica)
Ao Padre Guardiãõ somente quero
Num negócio falar, se for possível.”
-“Inda bem: pois cuidei que era outra coisa;
(Lhe torna o bom *Porteiro*) e de assustado
Fiquei sem sangue, em quase todo o corpo.
O Padre Guardiãõ, antes das cinco,
Não costuma da sesta levantar-se;
Mas, por servir à Vossa Senhoria,
A desperta-lo vou; no entanto pode
Lá na Cerca esperar, tomando o fresco.”
Isto dizendo, ao Dormitório sobe;
E o *Deão*, caminhando para a Cerca,
Com outro Reverendo, acaso topa,
De grã-barriga, de cachaço gordo,
Que atento o cumprimenta, e acompanha.

Quis então a Fortuna, que este fosse
Um dos Padres mais graves da *Província*,
Ex-Guardiãõ, *Ex-Leitor*, e *Jubilado*,
De todos o mais douto, exceto o *Arronches*,
Pregador de grã-fama, na Cidade.
O bom *Lara*, que havia longo tempo,
Que, nesta santa Casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
Na Cerca entrando, juntos se lhe oferecem

As areadas ruas, as Estátuas,
Os Buxos, os Craveiros, as Latadas
De mil flores cobertas, e que, em torno,
O virente jardim adereçavam;
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na estátua, que primeira ali se encontra,
Pergunta ai *Jubilado*: “Quem é este
Monsieur Pariz? segundo diz a letra,
Que por baixo, na base, tem aberta;
Se se houver de julgar pela aparência;
O nome, a catadura, o penteado
Dizendo-nos estão que este bilhostre
Foi *Francês*, e talvez *Cabeleireiro*,
Inventor do topete, que o enfeita.”
-“*Páris*, e não *Paríz* diz o letreiro,
(Circunspecto lhe volve o Padre Mestre)
Nem *Francês*, como crê, *Cabeleireiro*,
A personagem foi, que representa;
Mas em Tróia nasceu de estirpe régia.”
-“Pois, se *Francês* não foi (replica o Lara)
Como *Monsieur* lhe chamam?” – C’um sorriso
Lhe torna o *Padre Mestre*: “Não se admire
Que isto está sucedendo a cada passo:
Ao pé de cada canto, hoje, sem pejo,
Se tratam de *Mosieurs* os *Portugueses*.
Isto, Senhor, é moda; e como é moda,
A quisemos seguir; e sobre tudo
Mostrar ao mundo, que *Francês* sabemos.”
-“De tanto peso pois (lhe volve o Lara)
É, *Padre Jubilado*, por ventura,
O saber o *Francês*, por disso alarde
Fazer quisessem vossas Reverências?
Por acaso, sem esse sacramento,
Não podiam salvar-se, e serem sábios?
Pois aqui, em segredo, lhe descubro,
Que o *Francês*, para mim, o mesmo monta,
Que a língua dos selvagens *Boticudos*.”

-“Não digam Senhor, tal; que neste tempo
Oh Tempos, oh Costumes! (diz o Padre)
O saber o *Francês* é saber tudo.
É pascar! Ver, Senhor, como um *pascasio*,
De *Francês* com dois dedos se abalança,

Perante os homens doutos, e sisudos,
A falar nas ciências, mais profundas,
Sem que lhe escape a Santa Teologia,
Alta ciência, aos Claustros reservada,
Que tanto fez suar ao grande *Escoto*,
Aos *Bacônios*, aos *Lélios*, e a mim próprio.
Desta audácia, Senhor, deste descoco,
Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
Quem mais sente as terríveis conseqüências,
É a nossa *Português*, casta linguagem,
Que em tantas traduções anda envasada
(Traduções, que merecem ser queimadas!)
Em mil termos, e frases *Galicanas*!
Ah! Se as marmóreas campas levantando,
Saíssem dos Sepulcros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os Antigos
Lusitanos Varões, que com a pena,
Ou com a espada e lança, a Pátria ornaram;
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentam seus escritos
Estes novos, ridículos Autores;
(Como se a bela, e fértil língua nossa,
Primogênita filha da *Latina*,
Precisasse de estranhos de *Caconda*,
Quilimane, *Sofala*, ou *Moçambique*;
Até que já, por fim, desenganados
Que eram em *Portugal*, que os *Portugueses*
Eram também, os que costumes, língua,
Por tão estranhos modos, afrontaram,
Segunda vez de pejo morreriam.

Mas eles tem desculpa; a negra fome
Os míseros mortais a mais obriga;
Sem saber o que escrevem, escrevendo,
Buscam dela o remédio, e, como logram
Os fins de seus intentos; o que escrevem,
Seja ou não *Português*, isso que monta?
Quem desculpa não tem, nem a merece,
É quem vedar-lh'ó deve, e não lh'ó veda.
Mas por ora deixemos estas coisas,
Que o mundo corrigir a nós não toca.
Este (como dizia) foi *Troiano*,
E nos Campos que o *Phrygio Xantho* corta,

Guardando, em doce paz, o seu rebanho,
Eleito foi Juiz do grande pleito,
Que *Juno*, e *Palas*, entre si, com *Vênus*,
Sobre a beleza, um tempo, sustentaram;
No qual não sei porém, se com justiça,
Deu a favor de *Vênus* a sentença,
Entregando-lhe o rico pomo de ouro,
Que a *Discórdia* lançara num banquete.
- Já nesse pleito ouvi, (se bem me lembro)
E no pomo falar: (lhe volve a *Lara*)
Mas o tal *Monsieur Páris* foi um asno;
(Perdoe a sua ausência). Se na causa,
De ser Juiz a sorte me coubera;
Daria mal, ou bem minha sentença,
Conforme o meu bestunto me ajudasse,
Sem em nada gravar a consciência:
Mas a maçã havia d'eu papá-la,
Pelas custas, por certo; e quando muito,
Daria à Vencedora, dela as cascas.

Mas, diga-me, meu *Padre Jubilado*,
Se gado apascentou esse Marmanjo,
Como de Cortesão está vestido,
De Cabelo, de bolsa, e penteado?"
-"Essa é boa! (replika o Reverendo)
Pois aparece-lhe, à Vossa Senhoria,
Que lhe bastava o seco tratamento
De *Monsieur*, que lhe demos, e um Cajado,
Um intonso cabelo, uma samarra?"
-"Essa razão me quadra (diz o *Lara*)
E esta *Madama Helena* (continua)
Que dele está defronte, porventura
É *Troiana* também, ou é *Francesa*,
Como do penteado mostra o gosto?"
-"Não foi, Senhor, *Francesa*, nem *Troiana*;
(Responde o Padre Mestre) d'alto sangue,
Em a *Grécia*, nasceu; e no seu trono
Esparta um tempo a viu: mas Cetro, Esposo,
A chara Pátria, o Cetro, a Fama, a Glória,
Tudo deixou, por esse *barbas-d'alho*?
Valente marafona foi por certo,
A tal *Madame Helena*! E quem foi esta?
Diz a letra, *Madama Pena-Lopes*,
(Prosseguia o *Deão*) talvez seria

Tão boa, como essa outra?” – “Essa (responde O douto *Jubilado*) é d’outra laia.
A famosa *Penélope* foi esta,
Do Conjugal amor, da fé jurada,
Do sagrado Himeneu nas castas aras,
Um perfeito exemplar, grande Matrona,
Boa Mãe-de-famílias, e estremada,
Entre as mais do seu tempo, tecedeira.
Numa teia gastou mais de dez anos... –
- “Que me diz, *Padre Mestre*? Está zombando!
(O *Deão* aturdido lhe replica)
Em urdir e tramar uma só teia
Dez anos consumia a tal *Madama*;
E diz-me que foi grande tecedeira?
A minha Ama... e mais é uma Zoupeira,
N’outro tanto não gasta nove meses:
E com tudo, não passa, entre as peritas,
Por grande sabichona neste ofício.”
- “Nisso mesmo é que estive a habilidade,
(O Padre lhe tornou) pois que de noite
O que de dia obrava, desmanchava.”
- “Peior! (diz o *Deão*) Isso é o mesmo,
Que para traz andar, qual Caranguejo.
Jurarei em cem pares de *Evangelhos*
Que essa mulher perdido tinha o siso.”
- “Perdido o siso! Que galante coisa!
(O Padre lhe tornou) antes no mundo
Nunca mulher se viu tão atinada;
E digna de passar à Eternidade,
Sobre as asas da póstuma memória.
Foi prudência, Senhor, o que loucura
A sua fantasia lhe figura.
Pois se assim praticava, era somente
Por enganar (em quanto o caro Esposo
Da prolongada ausência não volvia)
Cansados rogos de importunos procos,
Que aspiravam do seu consórcio à glória.
Aracne, que *Minerva* vingativa
Em aranha tornou, por arrojarse
A competir com ela; certamente
Lhe não levara no tecer a palma.”
- “Como é isso? (o *Deão* diz assustado)
Pois, salvo tal lugar, um homem pode,

(Isto falando, todo se persigna)
Ou pode uma mulher, em feio bicho,
Ou animal quadrúpede mudar-se?”
- “Isto fábulas são, com que os antigos
Quiseram explicar aos seus vindouros
De muitos animais a indústria, e a arte;
E além disso ensinar, que às Divindades
Se deve ter um grande acatamento.
Mas, que acontecer possa, quem duvida?
(Dizia gravemente o douto Padre)
Não falo agora das antigas *Lâmias*,
Que inteiros engoliam os meninos,
De Circe, de Medeia, nem de *Alcina*,
Ou da velha Canídia, de quem conta
O bêbado de Horácio, as nigromancias.
Todos sabem, que todas estas Bruxas,
Em ossudos Leões, manchados Tigres,
Em ardidos Ginetes, negros Ursos,
Ou em Toupeiras vis, vis Musaranhos,
A seu sabor, os homens convertiam.
Além disso, *Apuleio* nos informa,
Que, por malícia d’uma certa *Fótis*,
E asno, num instante, se formará,
E como asno passará mil trabalhos.
Não tem ouvido Vossa Senhoria,
Ruidosos Cães uivar, lá na alta noite?
Pois que querem dizer aqueles uivos,
Senão, que anda no bairro *Lobis-homem*,
Ou homem, por fadário, transmudado
Em jumento orelhudo, ou em sendeiro?”

- “*Santo Breve da marca!* (aqui exclama
O farfante *Deão*, de temor cheio;
E logo prosseguiu.) Se minha estrela
Ordenado me tem, que por encantos
De alguma Feiticeira, ou Nigromante
Em ferro bruto eu haja de mudar-me,
Praza a vós, santos Céus! Ao Fado praza,
Que, antes do que em sendeiro lazarento,
Em brioso Cavallo, eles me mudem:
Pois assim poderei, inda algum dia,
A sorte vir a ter de ser Pai d’Éguas.
Que bons Potros darei minha raça!
Mas, se muito julgais o que vos peço,

Ao menos concedei-me, que em Fuinha,
Ou matreira Raposa me transtornem;
Só, para do Bispo ir ao galinheiro,
De quantas Aves tem a dar-lhe cabo.”

Sossegado o *Deão* do seu espanto,
Ao bom Padre pergunta: “E quem é este
Circunspecto *Monsieur*, que cá se enxerga?”

- “Esse que aí está, nem mais, nem menos,

É o facundo decantado *Ulisses*,

De *Madama Penélope* marido:

De todos quantos *Gregos* aportaram

Da *Netunina Tróia* às curvas praias,

O mais prudente foi, exceto o velho

Nestor, que viu dos homens três idades.

Este, depois que a cinzas reduzido

Foi o ferro *Ilion*, por suas traças,

E da altiva Cidade só ficara

O campo, em que imperiosa antes estava,

Voltando à Pátria amada, carregado

De altos despojos da imortal vitória,

De *Netuno* sofreu a cruel sanha,

E dos ventos, e vagas açoitado,

Undívago correu por longos mares,

Vendo de muitas gentes as Cidades,

As várias artes, os costumes vários,

Até que levantou, na foz do Tejo,

A Rainha do mar, *Lisboa* invicta.”

- “Oh grande Fundador da minha Pátria,

(Aqui brada o *Deão*) se mãos tiveras,

E se pernas, e pés te não faltaram,

Os pés e mãos, humilde, de beijara!

Mas se manco, e maneta aqui te vejo,

E à *francesa* te beije a fria face.”

Disse: e ao colo, furioso se lhe lança,

E na face três beijos lhe pespega.

Passado este pequeno entusiasmo,

O *Lara*, prosseguiu: “E aquel’outro,

Que do Jardim no meio se empertiga

Com cara de Ferreiro, é por acaso

O grande *Ferrabrás* de *Alexandria*?

Ou *Galafre* da ponte de *Mantible*?

- “Esse (responde o Padre) foi *Alcides*,

Cujo tremendo braço, cujos feitos

Há-de, por certo, vossa Senhora
Ter ouvido exalçar discretamente,
Em seus sermões, ao nosso Padre *Arronches*.
- “Engana se, Senhor: (O *Deão* volve
Que eu sermões nunca ouvi em minha vida;
E posto que, no Choro, muitas vezes,
Em razão desta minha Dignidade,
A meu pesar, alguns ouvir eu deva;
Em quanto o Padre grita, estou dormindo:
Pois d’outra sorte disfarçar não posso
A fome, que me ataca a esse horas.
Se eu algum dia for eleito Bispo,
(Como esperar me faz o Régio sangue
De *Lara*, que nas veias me circula)
Já, desde aqui, meu Padre, lhe prometo,
Que estes sermões desterre do Bispado;
E se nele inda achar quem tenha o flato
De pregar, lhe darei pronto remédio:
Mandarei, que cumprindo seus desejos,
Vá pregar aos Hereges, e Gênios,
Que o prêmio lhe darão do seu trabalho;
E escusem de quebrar-nos os ouvidos
Com uma insulsa dilatada arenga,
Que ouve, por uso, o Povo e não preço;
Dando (coisa que muito a mim me espanta)
Sem saber o porque, o seu dinheiro.
Sermões? – E quando quer jantar a gente?
A fome só aumentam, causa sono.
Mas, tornando, meu Padre, ao nosso ponto,
Este *Alcides*, segundo tenho ouvido,
Foi o maior tunante dos seus tempos.
- “Foi amigo de Moças? Que tem isso?
Vê me aqui? Pois com ter mais de setenta,
(Dizia o *Jubilado*) nem por isso
Onde quer que as eu topo, lhe perdô.”
- “Outro tanto de mim, oh quanto pejo
Me custa, *Padre Mestre*, o confessá-lo
Outro tanto de mim dizer não posso,
E com tudo não passo dos sessenta;
Mas isso é do burel virtude inata.
Agora pois, se a vossa Reverência
Pesado lhe não for, deve quisera
Que deste traficante toda a história
Me referisse; pois segundo penso,

Há-de ser vária, e muito divertida.
 Lembra-me a mim, que sendo inda Estudante,
 Do Bacharel *Trapaça*, e *Peravilho*
 De *Córdova*, a história portentosa
 Ovi ler (por sinal, que por ouvi-la,
 Na Classe pespeguei valentes gázios)
 A um Clérigo vizinho, bom Poeta,
 Que sabia o *Borrvalho* todo inteiro,
 E tinha uma escolhida Livraria;
 E confesso-lhe, *Padre Jubilado*,
 Que nunca, em minha vida, tenho ouvido
 Coisa, que cá no goto mais me disse.”
 -“ De bom grado o farei, por dar-lhe gosto
 (O Padre lhe tornou e assim começa:)
 “Este grande varão *Alcmena* e *Jove*
 Teve por Pais, ainda que grã-tempo
 Do forte *Anfitrião* passou por filho...”
 - “Com que, de mais a mais o tal *Alcides*
 De barregã foi filho?... Avante, Padre,
 Que o começo promete grandes coisas.”
 (Diz o *Deão*) e o Padre prosseguia:
 - “De tantas forças foi, logo em nascendo,
 Que inda ele não contava bem dez meses,
 Quando, em lugar de berço, repousando
 Num escudo de cobre, que a *Pterelas*,
Anfitrião ganhará batalhando,
 Duas Cobras, mais grossas que um madeiro,
 Que entraram a papá-lo sorrateiras,
 No silêncio da noite, mandado
 De Juno, que em ciúmes se abrasava,
 Rompeu, espedaçou, com mais presteza,
 Do que eu trinchar costume uma galinha,
 Quando, com fome estou, na nossa cela.
 Digo – na cela -; pois no Refeitório
 Esta ave nunca entrou; que nele reina
 Somente o *Bacalhau*, e talvez podre.
 Depois, sendo Mancebo, a estribaria
 De *Áugias* alimpou, façanha grande...”
 - Neste ponto o *Deão* ter-se não pode,
 Sem que esta sábia reflexão fizesse:
 Filho de Barregã! Moço de mulas!
 Vejam de que relé era a criança!”
 - “Logo (prosegue o *Padre Jubilado*)
 Fez maiores ações; um Leão fero

Na floresta Neméia, cara a cara,
Destemido afrontou; e lhe machuca,
Com a pesada massa, o duro casco..."
Aqui chegava o Padre, em sua história,
Quando o esperto Deão, à porta vendo
Da Cerca, o *Guardião*, que a vê-lo vinha,
Inda do sono os olhos esfregando,
O fio lhe cortou, em altas vozes
Ao *Guardião* gritando: "*Appello, Appello*
Perante vossa sábia Reverência,
Varão constituído em Dignidade,
Da afronta, que me faz o meu Cabido,
Pretendendo com muitas constranger-me
A vir apresentar ao gordo *Bispo*,
À porta da latrina, o santo *Hissope*.
Peço também, com todo o acatamento,
Os reverenciais Apóstolos, mil vezes,
- "Basta: (o Prelado diz) já interposta
A *Apelação* está. Agora, em quanto
O Reverendo Padre *Jubilado*,
Pois Notário não há, que dê fé disso,
A Certidão lhe passa, nos sentemos
Ao pé desta Roseira a tomar fresco."-"
Ditas estas palavras, se assentaram,
E o farfante *Deão* assim começa:
"Por certo, que não pode duvidar-se
Do aumento, Senhor, que em nossos dias
Tem tido *Portugal*, por alto influxo
Do Grande, Forte, e nunca assaz Louvado
Rei, primeiro no nome, e nas virtudes,
E do sábio Ministro, que lhe assiste.
Não falo nas ciências, e nas Artes
Que eu delas nada sei; pois meu emprego
As Letras aplicar-me me não deixa,
Como eu gosto, e gênio me pediam,
E da Art da Cozinha tão somente
(Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa
Aos homens, que o *Francês*, que anda na moda)
Alguns pedaços leio, estando vago.
Falo, sim, no aparato dos banquetes,
No polido dos trajés, e assembléias,
Dos Jardins no bom gosto, e dos Palácios:
Digo isto, meu Senhor por que esta Cerca,
Que era um chiqueiro, há menos de dois dias,

Hoje tornada está num Paraíso.
Mas que não poderá um Gênio grande,
E tal, como o de Vossa Reverência?”
O Guardião então todo enfunado,
Mas modéstia afetando, lhe responde:
- “Aqui que pode haver, que os olhos encha
De Vossa Senhora, que tem visto
As Terras estrangeiras tão gabadas,
Se é tudo uma pobreza *franciscana!*”

-“Tanto não direi eu (replica o *Lara*)
Que ao ver deste vergel a amenidade,
O desenho dos Buxos, o bom gosto,
Com que estão as figuras trabalhadas,
A abundância dos vasos, e das flores,
Que nos jardins estão, se me figura
De *Castelo Gandolfo*, ou de *Frascati*,
(Onde falei mil vezes com o *Papa*)
Ver o primor, e o curioso asseio.
Tudo está primoroso; e só lhe falta
Para em nada ceder aos mais gabados,
Deliciosos jardins de *Itália*, *França*,
Uma Cascata, que a de *Terni* iguale.
Se Vossa Reverência quer a planta,
Eu já mandar-lh’a vou; que a tenho em Casa.”
- “Esta obra há de custar muito dinheiro
(Responde o Guardião) e hoje as esmolos,
Para encher a barriga a tantos frades,
Que tem fome canina, apenas bastão.
Algum dia foi rico este Convento;
Mas estas novas Leis testamentárias
Deram um grande corte em suas rendas.
É verdade, que os santos *Exorcismos*,
O benzer dos feitiços, e lombrigas,
O grande, e extraordinário privilégio
De *Irmão*, ou *Mãe de frades*, e outros pios
E santos institutos, que inventaram,
Devotos e sutis, nossos antigos,
E que nós pelo Povo propagamos,
Com zelo, e com destreza, maiormente
Entre o devoto feminino sexo,
Inda pingando vão de quando em quando.
Mas isto tudo é nada, é um cominho,
A par do que rendia o *Purgatório!*

Senhor, o *Purgatório*, e as *almas santas*
Eram o *Potosi da franciscana!*"
Neste ponto, chegando o *Jubilado*
O discurso lhe atalha, e ao *Lara* entrega
A grande Certidão, que passar fora.
O *Deão* a recebe civilmente,
E com mil importunos cumprimentos,
E outras tantas profundas cortesias,
Dos dois Padres, cortês, se despediu:
E correndo, e saltando, como um Corço,
Risonho, e prazenteiro entrou em Casa;
Onde à sua presença, pelos ares,
Faz vir o triste *Luz*, que a honra goza
De tocar mal rebeca, na Sé de *Elvas*,
E de ser, em seu foro, mau Notário,
Ou péssimo Escrivão, que vale o mesmo:
Além disto, cursando tinha as Classes;
E a todas estas coisas ajuntava
Um profunda erudição, bebida
Nos *Autos de Reinaldo*, e *Valdevinos*,
E do Infante *Dom Pedro* nas partidas,
Florisbel de Niquéia, e outros livros
Da andante, da imortal Cavalaria;
Ao qual o *Deão* disse: "Hoje um negócio
De ti fiar pretendo de importância,
Mas antes será bom, que ao grande *Baco*,
Algumas libações, como costumás,
Aqui façás." Dizendo estas palavras,
Ordena, que lhe tragam prontamente
Do bom vinho de *Borba* três garrafas.
O bom *Luz* transportado à sua vista,
Sem fazer-se rogar, logo a primeira,
Às duas palhetadas deixa enxuta:
Muito tempo não passa, sem que prove
Iguar sorte a segunda; sem descanso
Com a terceira investe, largo espaço
O forte Campeão entra por ela:
E depois que esquentada teve a bÍlis,
Assim com o *Deão* fala animoso:
- "Que coisa pode Vossa Senhoria
Querer deste seu Servo, que não faça?
Que perigo haverá, que não arrote?
Da nova *Zembla* os duros caramelos,
Irei a passear: ao meio dia,

Na *Líbia* sofrerei a calma ardente;
Com Tigres, com Leões, com Crocodilos
Audaz afrontarei; do Reino escuro,
Para seu cão de fralda, se é seu gosto,
Num pulo, lhe trarei o Cão *Cérbero*;
Se mais disso se paga, c'um corda
À porta lh'ó atarei, como um Macaco. –
- “Menos que isso (bradou o Prebendado)
Menos que isso de ti hoje pretendo.
Uma *Apelação* só quero que intimes
Ao gordo e fero *Bispo*: isto somente
De ti hoje desejo, e de ti fio.”

Aqui, mudando a cor do triste rosto,
Começou a tremer o novo *Alcides*,
E com voz balbuciante, lhe replica:
- “Muito ilustre Senhor, tão grande empresa
Minhas forças excede: o mesmo *Aquiles*,
Madricardo, *Gradasso*, *Sacripante*
Cometê-la, por certo, recearam,
E *Orlando*, inda que fora verdadeiro.
Dela pois me dispense; que eu sem pejo,
Ante os Céus, ante a Terra hoje confesso
Que um ânimo a tanto não se atreve.”

A este breve discurso, ardendo em ira,
O *Deão* exclamou: “De minha vista
Vai-te, indigno Furão, vil e rasteiro,
A quem, na cara e feitos, te pareces;
Que eu saberei achar que me obedeça.”

Trêmulo, e semivivo o pobre *zote*
Então se foi dali escapulindo;
E o farfante *Deão* fica suspenso,
No peito revolvendo a quem daria
A grande Comissão: - quando à memória
Lhe traz a *Senhoria*, (que a seu lado
Invisível assiste) o bom *Gonçalves*,
Escrivão atrevido, e sem piedade;
Que a si mesmo prendera, se podera.
“Este sim (exclamou então contente)
Que é capaz de citar a *Jesus-Cristo*.”
Isto dizendo, que lh'ó chamem, manda.

A Senhoria então, tomando a forma
Do Galopim de casa, veloz parte,
E com ele voltou *in continenti*;
A quem logo o *Deão* propõem a empresa,
Que ele, sem duvidar, risonho aceita,
E para a executar, tempo oportuno,
Cheio de confiança, a esperar, parte.

CANTO VI

Já o *Sol* grande espaço declinava
De brilhante *Zênite*, para o *Ocidente*;
E a sossegada *Tarde*, conduzida
Nas frescas asas dos sutis Favônios,
A passeio os Peraltas convidava,
Quando, por divertir sua Excelência
O fastio, que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortais tirana gera,
Se dispõem a sair, como costuma
A frescura a gozar de seu *Versalhes*.

Mil infandos prodígios (trama urdida
Pela mão industriosa da *Excelência*,
Para obrigá-lo a não sair de casa)
Esta infausta jornada precederam.
À mesa posto, e a beber um copo
De generoso vinho da *Madeira*,
Em vinagre, na boca, se lhe torna
O suave liquor, e ao mesmo passo,
No Aparador, saltando um Gato negro,
Em hastilhas lhe faz, com grande estrondo,
Os dourados cristais, que nela estavam.
Depois, dormindo docemente a sesta,
Se lhe figura, no melhor do sono,
Que andando de passeio pela Quinta,
Com passos lentos a ele se chegava
Da nora o velho Burro, e alçando o rabo,
Dois coices lhe pregava no vazio.
À fantástica dor, gritando, acorda;
E acudindo a família prontamente,
Lhe narra o triste caso, inda assustado.
Mas passado o primeiro sobressalto,
Desenganado enfim de que era sonho,

A vestir-se começa: então calçando
O polido sapato, das fivelas,
Salta do Guarda-roupa ao áureo teto,
Com medonho estampido, a melhor pedra.
Finalmente, ao montar à Carruagem,
Batendo um grã-Bisouro as negras asas,
Com horrendo estridor lhe açoita as ventas,
E um Pardal lhe estercoou no tejadilho.

Neste instante a *Excelência*, que tomado
Tinha do grande *Almeida* a gentil forma,
Vendo que estes agouros não bastavam
Para aterrar do *Bispo* o forte peito,
C'uma grande zumbaia, assim lhe fala:
- "Se crer em abusões é de almas fracas,
Desprezar portentosos vaticínios
É de peito obstinado, ensurdecido
Às vozes, com que o Céu mil vezes fala.
Se em *África Catão*, se em *Roma César*
Deram fé aos presságios, nem aquela
Nas fervidas áreas Africanas
Acabara infeliz: nem no Senado
Às mãos de *Cássio* e *Bruto*, ferozmente,
Este fora, qual rês nas aras, morto.
O mesmo digo do temido *Almeida*,
De quem Vossa Excelência tem o sangue;
De *Cambaia* murchar as altas palmas
Na brutal *Cafraria* ele não vira,
Se afoito, ou temerário não zombara
Do bater dos sapatos dos *Menezes*.
Vossa Excelência tem visto os portentos,
Que lhe tem neste dia acontecido:
Ah! Se a mente pressaga não me engana,
Algum grande desastre prognosticam,
Neste passeio, que fazer intenta.
Para iludi-los pois, torne a apear-se,
À Casa se recolha: considere
Que, por grande, a cautela nunca dana.
Se pois da ociosidade, e seus prestígios,
Que tanto horror lhe faz, fugir deseja,
Mande chamar alguns Capitulares,
E, com eles, em santa paz, jogando,
O resto passe da calmosa tarde,
E não queira, com vã temeridade,

A seu gosto a razão sacrificando,
Desafiar a cólera dos Astros”. –
A estas vozes, risonho, o gordo *Bispo*
Lhe responde: “Meu Filho, bem conheço,
Que o amor, que me tens, é quem te dita
Essas sábias razões; mas que diria
Esta marcial Cidade, que admirando
Meu heróico valor, trazer pendente
Do bordado talim, me viu na guerra
Uma talhante espada; e sobre tudo,
Erguer da cama, numa fria noite,
Por correr, sem temor, suas muralhas;
Quando o fogo nas altas atalaias,
Brilhando tristemente, anunciava
Roubos, assolações, incêndios, mortes;
Se hoje soubesse, que eu ficava em casa,
Assombrado de quatro bagatelas?
Eu confio no Céu, que esses sucessos
Nada contenham, que aziago seja:
Mas, se assim suceder, constante, e forte
Irei por onde os *Fados* me chamarem.”
Isto dizendo; confiado ordena
Aos Moços, que caminhem sem demora.

No tempo que estas coisas sucediam
No Episcopal Palácio, o bom *Gonsalves*,
A quem a grande empresa desvelava,
Sendo por seus espias avisado
De que o *Bispo* saía; aproveitar-se
Da ocasião, que a Sorte lhe oferecia,
Consigo determina; e a toda a pressa
A vestir-se começa: quando a cara
E longeva Consorte, do Cartório
Nas sórdidas trapaças tão versada,
Como o destro marido, toda cheia
Dum pânico terror, que dentro n’alma
A feroz *Excelência* lhe infundira,
Ao colo se lhe lança, e assim fala:

“Onde, oh Luz de meus olhos, doce Esposo,
Assim corres veloz, assim me deixas
Cercada de receios e tristezas?
O *Bispo* vás citar? Ah! tu não sabes
Qual é deste Prelado a santa raiva?

Ignoras, que as menores bagatelas,
Em seu conceito são graves insultos,
Que castigar costuma sem piedade?
Tu, oh pobre *Milheiro*, tu o dize,
Que por zombar da fita do palmito,
Na respeitável face do *Roquete*,
(Mestre de Cerimônias, e Cabalas,
Com poder de Assistente, junto ao sólio,
Para insultar, sem termo, os pobres zotes
Em toda esta Cidade, e seu Bispado)
A jazer longo tempo na Cadeia
Barbaramente condenado foste!
Não sabes, que a pesar das leis sagradas
Do nosso piedosíssimo Monarca,
Ele *meirinho* tem de vara alçada,
Que prende, escorcha, e rouba impunemente
À sombra do sagrado Santuário?
Pois, como a provocá-lo hoje te arrojas,
Por servir o *Deão*? Crês por ventura,
Que ele te livrará das suas garras?
Ou fias-te talvez em que és sujeito
A outra jurisdição? Mas, oh! Repara
A quantos, como tu, leigos isentos
Em seu cruel aljube oprime, e vexa!
Oh! Se um raio voraz dos Céus descesse,
E todos os aljubes abraçasse!
Quantas, oh Céu! Oh, quantas se evitaram
Vexações, injustiças, e insolências!
Olha o que sucedeu, há pouco tempo
Ao Charlatão do Médico pequeno
(Que a hábito perpétuo de Estudante
Foi, de *Esculápio* em Junta, condenado,)
Por não dar alimentos à Consorte
Em dinheiro corrente; que de balde,
Os homens, e as estrelas atestando,
Alegava não ter o miserável,
E em vão, para pagá-los oferecia
A venda de seus prédios, ou seus frutos;
Apesar da Razão, e da Justiça,
Com público pregam excomungando!
Bem que dizer-se dele se não possa
Que Herodes à fera tirania,
Nem se quer escapou por inocente;
Pois só, duma penada, a muitas almas

Tem feito as margens ver do *Sígio* Lago,
Onde por ele esperam barregando,
Para as barbas tirar-lhe, e a cabeleira!
Pretendes pois que o mesmo te suceda?
Ah! não, amado Esposo, por aqueles
Primeiros e suavíssimos instantes
Do nosso doce amor, pela fé pura,
Que no sagrado laço me juraste;
Por estas ternas lágrimas, que choro,
Que a tanto não te exponhas: ah! não queiras,
A ti mesmo cruel e a meu sossego,
Roubar-me a triste vida, dar-me a pena
De ouvir-te excomungar pelas esquinas!
Ou prezo cruelmente, entregue às garras
Do Meirinho voraz, qual tenra Pomba
Entre unhas cruéis de Açor ligeiro.
Do meu pranto tem dó, e dos cansados
Longos anos da minha amarga vida.”
Aqui um magoado, e grã suspiro
As queixas lhe atalhou; que o sentimento
A voz lhe congelou dentro do peito.

Então o grande, e intrépido *Gonsalves*,
Assim, de brio cheio, e de ternura,
A tímida Consorte alenta, e anima.
“- Enxuga o belo pranto, oh bela Esposa,
Que sem causa derramas, pois com ele
O forte coração me despedaças.
Eu não vou combater algum Gigante,
Nem tenho o *Tamorlão* por inimigo;
Vou fazer meu ofício, e bem conheço
A quanto me abalanço, e me aventuro.
Mas que dirá o Mundo, se vir hoje,
Que eu fujo dos trabalhos com o corpo?
De mais, que deste excesso, a que me arrojo,
Tu a causa só és; pois d’outra sorte
Mal poderei, Meu rico Bem, compra-te
A Saia, a Capa, a Fita, o Leque, o Pente.
Os anos estão caros, e eu não devo
Um gancho desprezar, que raras vezes
A Ventura depara, e nos oferece.
As Censuras, o *Bispo*, e sua vara,
Vãos espantalhos são, que não me assustam;
Eu não temo o Meirinho, nem da Igreja

O forte raio, sem razão vibrado;
E para me livrar do *Bispo* às iras
Tenho braço, artes tenho, e tenho modo.
O susto deixa pois, que brevemente
Tu me verás tornar sem frio, ou febre,
A gozar de teus mimos, teus favores.” –
Isto dizendo, de seus braços foge;
E mais ligeiro, que o ligeiro Gamo,
A esperar, se partiu, sua *Excelência*.

Já, na rica liteira recostado,
Da Cidade saía o gordo *Bispo*.
Dois lacaios membrudos, e possantes
Guiavam a compasso os grandes machos;
E dois do mesmo talhe, na dianteira,
A lenta e preguiçosa marcha abriam.
Nos altos Campanários os Donatos,
E das Freiras as Moças, muito alegres
Davam, como costumam, aos badalos.
Quando o bom Escrivão, que pronto estava,
Qual sagaz Caçador, que alegre e fero,
À porta duma moita a rês espera,
À liteira se chega, e respeitoso,
Uma Carta ao Prelado logo entrega,
Na qual a *Apelação* descomedida
Em letra garrafal ia traçada.
O inocente Pastor, que não suspeita
O veneno mortal, que em si levava,
Depois de lhe lançar a santa benção,
Com risonho semblante, pega nela,
O sobrescrito rompe, e soletrando,
Entra a ler com trabalho; mas, apenas
O sentido da astuta Carta entende,
Começou a tremer; das mãos lhe cai
O atrevido papel. Não, se cem bocas,
Cem línguas eu tivesse, e a voz de ferro,
Poderia contar qual foi a raiva
Do gordo *Bispo*. A *Ira*, a *Impaciência*,
A *Soberba*, a *Vingança*, e outras *Fúrias*
O rodeiam, o agitam, o transportam:
O rosto se lhe inflama; os olhos, tintos
Dum vivo e negro sangue, lhe chamejam;
Escuma, geme, e brama, range os dentes.
Tão cruel, tão espantoso, tão feroz

Não treme, não avança, não se rasga
O que mordido foi de Cão danado,
Quando o triste veneno, que fervendo
Pelas veias lhe corre impetuoso,
Ao coração lhe chega, e lh'ó devora;
Como o grave Pastor! A vil *Preguiça*
Que a seu lado jazia recostada,
Ao vê-lo, dali foge espavorida.
Enfim, em raiva ardendo, grita e clama
Aos Lacaios, que logo, sem piedade,
Aquele infame ousado lh'ó castiguem.
Então os insolentes vis Mochilas
Arrancam das espadas, que, em desprezo
Das Leis e Magistrado, à cinta trazem,
E cheios de grande ira, quais raivosos,
Arremessados Cães, que ardidos seguem
O fero Javali, que veloz foge
A emboscar-se na densa e vasta moita,
Correm, sem tino, após o bom *Gonsalves*,
Os olha com desprezo, e com insulto.
Não de outra sorte rúbido Podengo,
Que seguindo fiel, e lisonjeiro
O rústico Saloio, que à Cidade
Vem, de seus Campos a vender os frutos;
Se ao pé d'alguma esquina se demora,
Preso da vista das formosas cores
Da galhofeira Cidadã Cadela,
E sobre ele caindo a roaz turba
Dos bairristas Cachorros, que a namoram;
Entre as pernas metendo a longa calda,
Corre, sem se deter, até que chega
Junto de seu Senhor, a cujas abas
Seguro e confiado encrespa as ventas,
Contra eles se revira, então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

Denodado *Gonsalves*, (se meus versos
Alguma coisa podem, se rompendo
A névoa escura dos futuros evos,
Sobre as asas do Tempo se espalharem
Pela terráquea mole) em quanto *Alcaides*,
Quadrilheiros houver, houver *Meirinhos*,
O teu nome será sempre famoso,
Pelo heróico valor, com que abarbaste

Do gordo Bispo a temerosa sanha;
E dos *Leilões na Praça*, em quanto às nuvens
A fronte levantar a grã *Lisboa*,
Entre a terrível pestilente corja
De Alguazis desalmados e vorazes,
Com inveja e louvor, serás de todos
Pelo primeiro Beleguim contado.

Entanto a *Senhoria*, que presente
À esta Cômica cena sempre esteve,
Chama a *Fama* veloz, e lhe encarrega
Que a grã nova ao *Deão* leve ligeira.
Estava então o triste combativo
De alegres esperanças e temores;
Umaz vezes confia, outras receia,
Que o *Escrivão* medroso não se atreva
A prosseguir no empenho começado;
Quando a rápida *Fama*, em seus ouvidos,
A nova espalha do feliz sucesso.

Vós, *Filhas da Memória*, que do *Pindo*,
Concordes habitais as frescas selvas,
Qual foi o seu grã prazer, dizei agora.
De *Baco* nas solenes *Antestérias*,
As desenvoltas *Mênades* não correm,
Nyeteleo invocando, mais furiosas,
Do *Deus*, e da *Alegria* arrebatadas;
Como o farfante *Lara* corre as casas,
Gritando de contente. Os Moços chama
E a todos, entre grandes gargalhadas
Todo o sucesso narra. Ora lhes pinta
Do arrojado *Escrivão* a grande astúcia,
Ora as vãs iras do cruel *Prelado*.

Oh geração humana, e quanto és fácil
No meio da bonança a engrimpinar-te,
Sem temer, que a pelada má *Fortuna*,
Lúbrica, extravagante, caprichosa,
Te vire as costas, e te mostre a calva!
Tu, oh farfante *Lara*, em pouco espaço
O viste, por teu mal, tu o provaste;
Pois, quando mais ditoso te julgavas,
De improviso fugiu tua alegria;
Qual leve exalação, que apenas nasce,

Nos abismos do Céu desaparece!
Engolfado o *Deão* nas esperanças,
Que este fausto princípio lhe anuncia,
Aos Criados ordena *in continenti*,
Que para festejar o feliz caso,
Uma esplêndida Ceia se prepare;
E a Velha, que também de gosto salta,
Com risonho semblante intima, e manda,
Que não fique, na grande capoeira,
Fôlego vivo em tão festivo dia.
Não contente com isso, maior prova
De seu imenso gozo dar pretende:
Que bizarro Concerto, de prelúdio
Sirva ao farto banquete, determina,
Da Música melhor, que há na Cidade:
E por dar mais prazer aos Convidados,
De *Cavalinhos fuscos*, depois dela,
Na vaga sala, com soberba pompa,
O galaste espetáculo prepara.
Então a convidar, saltando envia,
Do Clero; e da Milícia cem pessoas.

Ao passo que estas coisas se faziam,
A despiedosa velha ferozmente
A bárbara sentença executava,
Cem Galinhas, cem Frangões degolando.
Entre todos havia um velho Galo,
Pai da grande família, vitorioso
De cem feros rivais, e respeitável
Pelo roxo esporão, roxa crista:
Deste pois, nem sequer, o vulto escapa
Da grande mortandade, e com seu sangue,
De seu cruel Senhor honra o festejo.

CANTO VII

Entretanto, surdindo a Noite escura
Do *Bósphoro Cimmerio*, e despregando
As estelantes asas, envolvia
Todo o nosso Hemisfério em densa treva,
Quando na Casa do *Deão* triunfante,
Ajuntando-se vão os Convidados.

Vós, *Deusas do Parnaso*, vós agora
Novo fogo inspirai dentro em meu peito;
Regei-me a voz cansada, e o débil canto,
Porque nele celebre dignamente
De tão altos varões nomes, e manhas.

O primeiro que entrou na grande sala
Foi o moço *Sequeira*, que ombreando
Com o Pai sagaz, na usura e na trapaça,
Lhe sobreleva muito de avareza.
Duma sebenta, desbotada fita,
A bengala da destra traz pendente,
Com que as moscas enxota do Castelo.

Após este se segue circunspecto
O *Noventa-cabelos*, conhecido,
Por fido *Achates* do pomposo *Lara*;
Homem sisudo e grave, e o mais calado
De quantos pisam d'Elvas a Cidade;
Exceto o triste, mísero *Tacanho*,
Que gerou, por seu mal, o velho *Torres*.
Muitos dele murmuram (Feia Inveja,
Quem de teus dentes ficará isento,
Se não te escapa a simples Inocência
Que não fala, porque falar não sabe!)
Outros porém mais justos o defendem,
E as estrelas o sobem; pois ao menos
Se não sabe falar, sabe calar-se;
E qual lúbrica, negra sanguessuga,
Que aferrando-se à pele, se não solta,
Sem de todo fartar a cruel sede,
Dos que encontra às orelhas não se agarra,
E sem antes gastar-lhe a paciência,
Com questões importunas os não larga,
Como costuma o zote do *Sardinha*.
Nas ancas deste entrou esbaforido
O *Veloso*, Aritmético afamado,
Capaz de duvidar até de *Cristo*;
E que tem, de loquaz e de arengeiro,
Quanto de taciturno tem o outro;
Ele sabe de *Aclamo* o grande Escólio,
De cabo à rabo, sem falar-lhe um verbo,
E à força de *Pai velho*, algum pedaço
Verte em mau Português, do *Tridentino*.

Com o que, e repetir alguns exemplos
Da longa *Jesuítica* Sintaxe,
Passa, entre os seus, por homem consumado,
Bom Juiz de Sermões, e Pregadores,
Apesar do atrevido *Casadinho*,
Que, por ser o barbeiro do Prelado,
Arrogar este cargo a si pretende.

Pouco tempo depois, ao beque dando
Entra o vaidoso mulheril *Perinha*,
Ramo insigne dos *Gatos-Rodovalhos*,
E Chefe dos Pelões da sua Terra.
Então de Senhoria toda a Casa,
Qual dum picante enxame de mosquitos,
Azoinada se viu: umas da boca
Em borbotões lhe saem, outras lhe entram
Pelas grandes orelhas lisonjeiras,
E subindo-lhe ao cérebro, a cabeça
De ilustríssimos flatos lhe enchem toda.
Não passou muito espaço, sem que à porta
Se não vissem chegar ambos os *Bichos*,
Alegria, e prazer da *Elvense* Terra;
O *Leite*, e o *Barquinhos*, tão famosos,
Aquele, pela teima, com que intenta
Mungir dum grande Bode as grandes tetas;
Este, pela piedade, com que vendo
Jazer em terra morto o bravo Touro,
Que os calções de Camurça lhe rasgara
Por que o Céu suas culpas lhe perdoe,
Perdoa em altas vozes, generoso,
O estrago do vestido, e a grave afronta.
Estes por onde passam, mil ápodos,
Mil graças, e risadas, entre a bulha
Do vulgo insultador, soar se escutam:
Não de outra sorte viu Lisboa, um tempo,
Da plebe entre a grande borborinha,
Passear suas ruas, ombro a ombro,
O célebre *Dom Félix*, e o *Caturra*.

Mas outro entrando vem, de insignes prendas,
Que no engenho, agudeza, brio, e garbo,
Com os dois pode bem correr parelhas.
Afastai, afastai: deixai passá-lo;
Que é o grande *Salgado*, cujo nome

Por todo o Alentejo, em suas trompas,
Com sonoro louvor publica a *Fama*.
Dele relata pois a chocalheira,
Que inda o rol pendurado traz ao colo
Das moças, que, em Mancebo, namorara;
Onde, com distinção, se lêem seus nomes,
Suas graças, e dotes. Pelos prados,
Que o *Hebro* cristalino corta, e rega,
Tantas, de Amor cativas não seguiram
De *Thracia* o grã Cantor, que a cara esposa,
Na solitária praia descansando,
Duas vezes perdida, em vão chamava;
Quantas o rol contém, desde a mais baixa
E roliça fregona, até à Dama
Mais nobre, mais *gagé*, e mais xibante.
Hoje porém, que em mais sérios estudos,
Os dias gasta, desfrutando a honra
Da rústica curar gente da vargem,
Inda este frenesi curar não pode;
Nem da Empírica ciência o grã segredo,
As ervas, Cataplasmas tem bastado,
Para os males curar-lhe da cabeça.

Eis outro chega, de não menos fama,
Cavalheiro do porte dos *Venegas*,
Que muitos Infanções por Avós conta.
Este só comerá duma assentada,
Sem que papo lhe faça, um Boi inteiro;
E como quem um copo bebe de água,
De Café, Chocolate, Chá, Sorvete,
Dum trago, beberá toda uma pipa.
Ele Ceia não há, não há Merenda,
A que pronto não voe, não assista.
Tão rápida, calar das altas nuvens
Não vê o Passageiro, em largo Campo,
A grasnadora gralha, o negro Corvo,
Sobre o triste animal, que de cansado
Em comprido caminho, deu a ossada;
Como correr se vê o bom Fidalgo
À voz, e cheiro do mais vil banquete.
Desta Canina fome, que o devora,
De *alarve* lhe ficou o gentil nome,
Com que em toda a Cidade é conhecido.

Nem tu hás de deixar de ser lembrado
Em meus versos, Prior da santa Igreja
Que *Alcáçova* enobrece; tu, que sendo,
Um tempo, branco e louro, te tornaste
Por artes encanadas, negro e pardo.
Este na Sala entrou de loba e capa,
Mas debaixo do braço, com a *Catana*,
Com que em noites de escuro tem brigado
(Se de seu grã valor não mente a *fama*)
Muitas vezes, com todos os Diabos.

Então, tremendo chega a passos lentos,
O longevo potroso do *Saldanha*,
Que em regras econômicas bem pode
Dar sota e az ao Grego *Xenofonte*.
Para prova do seu contentamento,
Se adorna do vestido Domingueiro;
Sobre uma vestia branca, airoso traja
Casaca que foi negra há quinze lustros;
Os Calções eram pardos, e os sapatos,
As meias, e espadim, e os outros cabos
Em nada do vestido desdiziam.

A seu lado marchava o velho *Preto*,
Com a suja panela, em que costuma
Ajuntar as relíquias dos banquetes,
A que assiste faminto, e com que passa
O resto da semana com a família.

Tu também, grosso *Silva*, lustre e glória
Da tua Pátria, antiga *Torres vedras*,
Doutor em *Ano histórico*, não foste
Dos últimos, que a rica sala entraram.

Estes, e outros varões de igual calibre,
Dignos todos de fama e maravilha,
Honraram nesta noite a grande festa:
Mas da Justiça o amor me não consente
Que eu deixe vossos nomes envolvidos
Entre a treva, que espalha sonolenta
A água estofa do sombrio *Lethes*:
Bolorento *Pão ralo*, e tu, que falas
A língua da *Mourama*, oh bom *Gonçalo*,
E que os Melões, e Pêras almotaças,

Com tanta retidão ao Povo d'*Elvas*,
Quando empunhas severo a rubra vara.

Junta enfim a seleta Companhia,
O vistoso Salão em torno c'roão.
Então ao Choro, que esperando estava,
Deu sinal o *Deão*, e uma Sonata
De Cravo, de Machete, e Castanholas,
Da Orquestra estrepitosa foi prelúdio,
A que um Duo se segue, coisa rara!
E que igual nunca viu em seus teatros
Milão, Veneza, Nápoles, Florença.
O grande *Eugênio*, e o famoso *Felix*
Foram os dois *Virtuosos*, que o cantaram.
Se tu, oh estremada *Zamperini*,
Que em Lisboa os Casquilhos embaraças,
Seus suaves acentos escutaras,
Passagens, e volatas; bem que as *Graças*
Lisonjeiras te cerquem, e derramem
Em teu peito e garganta, mil encantos,
Com que as três filhas d'*Achelôo* vences;
Quantos novos encantos aprenderas!
Depois o *Vidigal* ligeiro toma
Uma Bandurra, que na Orquestra estava,
Por mão insigne Mestre trabalhada:
Nela se viam, sobre a branca faia,
De marfim embutidas e pau santo,
As folias do filho de *Semele*,
Quando, do Ganges triunfando, à Grécia,
Entre ledos tripúdios, se tornava.
Estava o gordo Deus ali sentado
Num grande Carro, que virentes parras,
Contra os raios do Sol todo toldavam;
Uma bojuda pipa, que esparzia
Um largo jorro de liquor vermelho,
De trono lhe servia; e o Moço imberbe
Com verde tirso, com uma mão picava
Os dois acessos mosqueados Tigres,
E com a outra chegava à seca boca,
De saboroso sumo um cheio vaso.
Após ele se via debuxado
O bêbado *Sileno*, sobre um russo
E cansado jumento; de verde hera
Coroad a fronte tinha o *Semi-capro*;

E com tal arte figurado estava,
Que a cada passo do animal imbele,
Aos olhos dos que o vem, se representa,
Que, balançando, o semi-deus caía,
Com os fumos, que a cabeça lhe toldavam.
De foliões *Silenos* uma tropa,
Quase para o suster, o rodeava,
E sobre ela lançava o bom *Sileno*,
Todo risonho, os mal-abertos olhos.
Precediam o *Carro*, desgrenhadas
Mil *Bacantes*, e *Sátiros* lascivos,
Dando nos ares decompostos saltos.
Uns tocavam buzinas retorcidas,
Outros rijos adufes, e pandeiros.

O *Vidigal*, pegando no instrumento,
Se encomendou ao Deus, a quem amava,
E dando à escaravelha largo espaço,
Até de todo temperar as cordas,
Soltou a bruta voz, com que costuma
Levantar os *Mementos*, nos enterros.
Com tão grande atenção não pendem prontos,
Do novo Batalhão da *Elvense* Terra,
Os marciais soldados, na parada,
Da voz agalegada do *Malifa*;
Quando o manejo, à falta de homens, rege;
Como a festiva Companhia pende
Dos duros berros do Cantor famoso,
Que da Pátria em louvor, assim dizia:
“Oh grande *Elvas*, Cidade em todo o tempo
Por teus famosos filhos memoranda!
Hoje até às estrelas meus acentos
Teu nome levaram, e tua fama;
Mas donde a minha voz a teus louvores
Dará princípio? Tu, oh brincão *Baco*,
Como tens por costume, tu me inspira!
Mil, em silêncio deixarei, sucessos,
Em mais remotos tempos celebrados,
Que tua glória ilustram; pois não pode
Um engenho mortal todas as coisas;
E a louvar passarei do teu Senado
A rara, e nunca-vista Economia,
Com que no velho, já-rachado sino,
Por se acharem as rendas do Conselho,

Em luminárias, lutos, e propinas,
Todas (em seu proveito) consumidas,
Quatro gatos mandou lançar de ferro”
Com tal arte feria o Cantor destro
Do pequeno instrumento as tesas cordas,
Acompanhando o som, com que cantava
Este estupendo gracioso caso,
Que, ao bater das pancadas, parecia
Que se ouviam no sino as marteladas.
Que direi, (proseguiu) da sutileza,
Com que gravar mandaste sobre a porta
Que tem de *Esquina* o nome, em negra pedra,
Por que ninguém a lê-la se atrevesse,
A famosa inscrição, em negras letras?
Mais intricado, mais escuros enigma,
Que o que nas portas da famosa *Tebas*,
Por destino fatal, aos peregrinos
Feroz propunha a monstruosa Esfinge.”
Aqui, para tomar maior alento,
Um pouco se calou; e em alvo pondo,
Como quem pensa em coisas mais profundas,
Os turvos olhos, prega em grande escarro,
Com que assustou os Circunstantes todos;
E de novo começa: “Oh! Se eu lograsse
A grande dita de nascer em *Roma*,
E ali, na tenra idade, me tivessem,
Qual mísero e novel frangão, castrado;
Que então só, dignamente, em fino tiple,
Qual *Aquiles* nas Operas de *Itália*,
De teu grave Senado cantaria
A ação maior, que viram as Idades!
Tu, oh Povo miúdo, e o Povo grosso,
Que dos Touros ao bárbaro combate,
Presidido dos sérios Magistrados,
Lá na Praça assistias galhofeiro,
Tu testemunha serás, que eu não matizo,
Com falsas cores o notável feito:
Falo da profusão, com que lançaram,
(Ao primeiro rumor, e ainda incerto,
Com que a Fama espalhava vagamente
A notícia dos Régios Desposórios
Da Princesa Real, Real Infante)
Depois de terem feito bem o papo,
As relíquias da pródiga Merenda,

Sobre as cabeças da apinhada gente.
Então (coisa pasmosa!) os ovos Moles,
Arroz doce, Cidrão, e Leite crespo
Que o Povo, às rebatinhas, apanhava,
De toda a parte a flux chover se viam;
Cobrindo num instante toda a Praça.
Qual nas tardes de Maio, (quando Jove,
Com a rúbida mão dardeja irado,
Por entre as negras condensadas nuvens,
Com medonho fragor, torcidos raios)
Cai a grossa saraiva, enchendo os Campos;
Tais, de manjar branco as tostadas pelas.”
Aqui chegava, quando os Convidados,
A quem de tantos doces a lembrança
Tinha feito crescer água na boca,
Da demora da Ceia impacientes,
E da fome voraz estimulados,
Em tropel se levantam, e lançando
Pela terra Cadeiras e Instrumentos,
Correram para a mesa, onde cintila
Nos dourados cristais, nos finos pratos
A radiante luz de cem *bugias*.
O primeiro que ocupa a Cabeceira
É o tolo *Aguilar*; sem comprimento
Entra logo a cevar a fera gula;
Exemplo, que os mais seguem vorazmente.
Brilha nos copos o rosado sumo,
Que desterra a cruel melancolia
De mesa festival, - reina a Saúde!
Mas de todos tu foste, grã- *Gonsalves*,
Quem as primícias colhe; todos brindam
A teu grande valor, à tua astúcia;
Enquanto tu, no colo recostado
Da prezada Consorte, entre os seus mimos,
Do *Bispo*, e do *Deão* te estavas rindo.
A Alegria reinava em toda a mesa;
Mil chistes, mil ápodos, mil pilhérias
Giravam sem cessar; sua Excelência
De todos era o alvo; todos nele
Malhavam satisfeitos e contentes;
Posto que era malhar em ferro frio.
Uns, a brilhante escolha lhe louvavam
Dos Sinodais Teólogos, - do *Arronches*,
Exímio Pregador, (que leu inteiro

O Livro dos *Conceitos predicáveis*,
O *Zodiaco soberano*, e outros muitos,
Que na Escola *Capucha* estão em preço)
- Do Guardião dos *Capuchos*, - do *Roquete*,
Tomista petulante e confiado.
Outros, a prepotência, celebravam,
Com que, *de motu proprio*, um pobre leigo
Despejar, prontamente, fez das Casas,
Para nelas viver o seu barbeiro.
Este, a grande filúcia encarecia
Com que a *Portuense* mitra na cabeça,
E seu bago reger já se supunha,
Ofícios repartindo e Dignidades.
Aquele, murmurava da arrogância,
Com que Ministro eleito à grande *Roma*
A julgar-se chegou; e rodeado
De Pajés petulantes, e Lacaios,
Do *Tibre* assoberbar as verdes margens,
Em malhados frisões, imaginava.
E todos, sem respeito, blasfemavam
Da fatal ignorância, ou liberdade,
Com que, apesar dos Cânones sagrados,
Benefícios-Curados entregava
De avaros Regulares entre as garras.
Nem tu, gentil Roupão de fresca Xita,
(Com que, à grande janela, empanturrado,
Da inútil ociosa Biblioteca,
Nas noites de Verão, a calma passa)
Às suas tesouradas escapaste.
Entre tantos motejos, só o calado,
Chupando os dedos e roendo os ossos,
Comia, e mais comia o *Dom Alarve*;
E algum caso fatal, de quando em quando,
Todo cheio de espanto, recontava
Do *Ano histórico*, o grosso e torto *Silva*.
Quando, subitamente (caso horrendo!
Que as carnes faz tremer, ao repeti-lo!)
O velho *Galo*, que num prato estava,
Entre frangões e pombos, lardeado,
Em pé se levantou, e as nuas asas
Três vezes sacudindo, estas palavras,
Em voz articulou triste, mas clara:
-“Em vão, cruel *Deão*, em vão celebra
Com nosso sangue o próspero sucesso,

Que a futura vitória te promete;
Que por fim cederás a teu contrário.”

Disse: e caindo sobre o grande prato,
Sem mexer-se, ficou. Neste momento
Um gelado suor dos Circunstantes
Banha as pálidas faces; os cabelos
Nas frentes se lhe eriçam; largo espaço
Imóveis ficam, sem dizer palavra.
Mas o perdido espírito cobrando,
Se levantam tremendo, e pela terra
A recheada mesa baquearam:
Três vezes se benzeram com a mão toda;
Três vezes, mas em vão, esconjuraram
O fatal *Galo* que jazia morto
E, mil, a infausta Ceia dando ao Demo,
Se foram, sacudindo os calcanhares.

CANTO VIII

Na superior instância introduzida
A grande *Apelação*, ardia a guerra.
Dois Rábulas famosos trabalhavam
Em ofuscar das Partes o direito.
Quantos rançosos livros, que jaziam
Sepultados em pó, meio-comidos
Da cruel e voraz, maligna traça,
Tornaram outra vez a ver o dia!
A Excelência, a *Discórdia*, a *Senhoria*,
Cada um per si, os excitava;
E sobretudo, a fome devorante
Do luzente metal, que o Mundo encanta.
De papel muita resma, em letra grifa,
Onde, a montões, os Textos, os Doutores,
Sem ordem, e sem tempo se alegavam,
Cada qual, de si pago, tinha escrito.

Quando o *Gênio* feroz das *Bagatelas*
Uma fiel balança nas mãos toma,
E num dos áureos discos, põem atento
As razões do *Deão*, noutro as do *Bispo*;
E vendo, que estas tinham maior peso,
Talvez por terem mais papel e tinta,

Por um geral Edito à Corte chama
Os vaidosos Magnatas, e sem senzala,
Com fera continência, assim lhes disse:
“Nunca a pensar cheguei, que em meus vassallos,
Que do Orbe a estimação, e o ser me devem,
Tão louvo algum houvesse, e tão ingrato,
Que combater ousasse meus projetos!
Mas o Tempo, que a todos desengana,
Me mostrou quanto errava, e quão perdidos
São, com ingratos, grandes benefícios!
Este enorme atentado merecia
Um castigo exemplar; mas a *Clemência*,
Companheira fiel do meu Império,
A espada me suspende, na esperança
Da pronta emenda.” Aqui fitando os olhos
Na pálida, e confusa *Senhoria*,
Desta sorte prossegue em seu discurso:
É pois minha vontade, ordeno, e mando,
Sob pena de incorrer no desagrado
Do meu Real Favor, de abrir os olhos
Do mundo fascinado, e de mostrar-lhe
Que nada tem de real vossas Pessoas,
Que todos são fantástica Quimeras:
Que nenhum de vos-outros se intrometa
No famoso litígio, que hoje corre
Entre *Bispo*, e *Deão* da Igreja d’*Elvas*.”
Severo, isto dizendo, se retira,
Deixando a todos tristes e confusos.
Mas a vã *Senhoria*, que conhece
A quem as ameaças se encaminham,
Vendo, por este modo, as mãos atadas,
Para seguir o empenho começado;
A carpir, se retira num deserto,
Sua grande desgraça, envergonhada.
Entretanto o *Deão* confuso, aflito
Passava as horas, na memória tendo
Do lardeado *Galo* o infausto anúncio.
Pouco a pouco, a cruel *Melancolia*
O devora, e consome; não graceja,
Como dantes usava, com a família:
Mas, em seus pensamentos abismado,
Comia pouco, pouco repousava,
Não joga, nem Café, nem Chá bebia.
No pico dum rochedo solitário,

Entre as trevas da noite carregada,
Tão lúgubre gemer, de quando em quando,
O feio e rouco Mocho não se escuta,
Como o pobre gemia, retirado
No escuro canto duma nua sala.

Então a zelosa Ama, a quem penetra
Do aflito Patrão a grave pena,
Um dia lhe falou, por esta forma:
- “Que tem, Senhor *Deão*? que magoa é essa,
Que tão mudado o traz do que antes era?
Mal haja quem lhe dá tanto cuidado!
Essa cara, Senhor, que noutro tempo,
Era cara de *Páscoas*, tão alegre,
Tão gorda, e reverenda, tão afável,
(Até para os seus Servos) tão mudada
Está do que já foi, que hoje parece
Uma cara de angústias! Não sossega;
Mas em triste silêncio sepultado,
Nem toma o seu Café, nem joga o *Wist*!
Supondo que lhe deram mal de olhado!
Ah! se esse for seu mal, pronto remédio
Em mim encontrará; pois do quebranto
Sei benzer, e curar por mil maneiras:
Pois, mil vezes, na planta desprezada,
Está de grave enfermidade a cura.”

-“Ama (diz o *Deão*) para que é tonta?
Por ventura não sabe o grã litígio,
Que trago com o *Bispo*; em que meu brio,
O meu ser, minha glória se interessam?
Não se lembra também do infausto agouro
Do lardeado *Galo*? Que mais causa,
Em mim pretende pois, de viver triste?
Oh! se os Astros cruéis tem ordenado
Que eu demanda perca, de repente
Me verá estalar sem frio, ou febre,
Entre as bárbaras mãos deste desgosto.”
- “Senhor *Deão* (replica então Ama)
Se da sua tristeza é essa a causa,
Tem por certo razão para afligir-se;
Suposto, que não é o mal tão grande,
Que não possa remédio ter ainda.

Eu, sendo moça, instituída
Fui nas artes da Madre *Celestina*,
Pela velha *Canidia*; muito trato
Tive então com o sábio *Abracadabro*,
Famoso Encantador, que ainda vive,
Não longe deste sítio, numa gruta.
Este estupendo Mágico conhece
Das pedras, e das plantas as mais raras,
As ocultas virtudes; sabe a língua
Das Aves, e Animais; com seus conjuros
Muda as louras cearas; sobre a terra,
Mil vezes, faz descer trovões a raios;
Arranca do alto Céu a branca Lua;
Em negro Urso, mil vezes, se converte,
Mil em Lobo Cerval, e mil em Touro:
Este pois mudar pode do Destino
As Leis, e a Natureza; e mentiroso
Tornar (se lhe parece) o triste agouro
Do diabólico *Galo*. A consultá-lo,
Se for do seu agrado, iremos ambos.”
Disse: e o *Deão* suspenso largos espaço,
Sem saber resolver-se, mudo fica.
Umas vezes se anima, outras receia
Do Mágica feroz o horrendo aspecto.
Não de outra sorte está Carvalho anoso,
Que em torno, pelo pé, sendo cortado,
Pendente dum só fio, com a queda
Cem partes ameaça, e a verde copa
A nenhuma, por longo tempo, inclina.
Finalmente, o desejo da vitória
Vence o frio temor. Tanto em seu peito
Pode a *Raiva*, pode a cruel *Vingança*!
Dando um grande gemido, estas palavras
Do mais íntimo d’alma aflito arranca:
- “Vamos, Ama, buscar o grande Sábio;
E veremos se tem meu mal remédio.”

Era alta noite, e a terra esclarecia,
Com duvidosa luz, a branca Lua;
Quando o *Deão*, pela Ama conduzido,
A um monturo se foi, onde ambos juntos
Se despem prontamente, e untando o corpo,
Com sangue de Morcego e de Toupeira,
Sobre sórdidas penas se espojaram.

Então o corpo todo agita, e move
Com medonhos esgares, e rosnando
Em baixo som, por entre os pobres dentes,
Certas palavras a espantosa Velha,
Ao farfante *Deão* diz açodada:
- “Voemos.”- E num ponto (coisa rara!
E que igual nunca fez *Juan de las vinhas*)
Pelos ares voara livremente,
Procurando do Arquimago a morada.
De *Alcáçova* o *Prior*, homem vexado
De noturnas visões, que então à Casa,
Do *Nunes* Bacanal em companhia,
C’um puxativo escalda, se tornava,
Vendo alçar-se da terra os negros vultos,
Arranca da brilhante *Durindana*,
E o capote traçado, velozmente,
Põem-se no reto, parte, atira um furo,
Faz pé atrás; mas tropeçando, acaso
Num podengo que, à força de pedradas,
Os travessos rapazes tinham morto,
De costas se estendeu na dura terra,
Coberto de vergonha, esterco, e lama.
Então mais furioso se levanta,
E c’um golpe mortal a partir torna.
O Pejo, e o Furor lhe dobra as forças,
Berra, salta, esconjura, põem preceitos,
Sem descansar, talhando os sutis ventos;
Mas tudo em vão; que leves e seguros,
Nadando pelos ares, se sumiram
Os novos *Antropógrifos* nas nuvens.
Tu só, nesta aventura, infeliz *Nunes*
Provaste a fúria do pesado braço;
Pois, ao vibrar um talho o *Dom Quixote*,
C’o rabo te chegou da rija espada,
Pregando-te um gilvaz pelos focinhos,
Com que em duas te fez a aguda barba.

Nas entranhas d’um monte solitário,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,
Assiste *Abracadabro*, a quem patentes
Os profundos mistérios da Cabala,
E todas as leis são da *Onomania*.
Mil Globos, mil Compassos, mil Quadrantes
Confusos jazem no sombrio alvergue:

Ali *Betiles* há, há *Quelonites*,
Corações de Toupeiras, há estranhas
De vãos Camelões, há pedras d'*Ara*,
E mágicos espelhos; há cabeças
De mortos animais, *Lameiras Virgens*,
Hipômanes, *Mandrágoras*, e outras ervas,
À luz colhidas da nascente Lua,
Nas campinas do *Ponto*, e da *Tessália*.
Aqui *Ama*, *Deão* descem, a tempo
Que, à mal-acesa luz duma lanterna,
Um *Talismã* o Mágico compunha.
Ao feio aspecto do fatal hospício,
As carnes ao *Deão* se arrepiaram.
Começa a vacilar; mas a malvada,
Velha Bruxa o segura, alenta, anima.
Entram pois onde o Sábio trabalha,
E, prostrada por terra, a vil Carcaça,
Desta forma, o silêncio interrompia.
Famoso *Abracadabro*, a cuja ilustre,
Alta ciência os *Fados* concederam
Dominar Elementos, e Planetas,
Este, que vês (eu creio, o não ignoras)
É o nobre *Deão* da Igreja d'*Elvas*:
Pelo arrogante *Bispo* perseguindo,
Do teu grande poder se chega às abas:
Com o gordo Prelado, e seu Cabido
Uma demanda traz; para vencê-la
Tuas artes procura. Ah! se algum dia,
Com teu alto favor, benigno honraste
Esta Seva fiel; por ele mesmo,
A teus pés humilhada, hoje te peço,
Que o queiras amparar; Ele o merece
Por triste e desvalido; e pelo grande
E profundo respeito, que tributa
A teu alto Saber, às tuas barbas.”

Aqui o Velho Mágico lhe torna:
- “Nada do que tu dizes me oculto;
E por ele, e por ti provar intento
Quanto minha arte pode.” Isto dizendo,
Todos três se saíram da caverna,
E à mal-distinta luz da frouxa Lua,
Sobre a rasa campina, *Abracadabro*,
Com uma curta vara, quatro linhas

De círculos pequenos logo traça:
A estas linhas junta três fileiras
“Pedras de toque são, onde os quilates
Das grandes almas sempre resplandecem;
De mais, que os duros *Fados* tão injustos
Não são para contigo, que vingança
A teus grandes agravos não permitam: -“

Ao eco da vingança, ó antigo esforço
Cobra o pálido *Lara*; e alvoroçado
Esta pergunta faz ao velho bruxo:
-“E que vingança é essa, *Abracadabro*,
Que o *Fado* me promete?” – Então o sábio,
Com severo semblante, lhe responde:

“Virá a suceder-te no *Deado*
Um novo Herói da tua mesma raça.
Este, sendo também indignamente
Pelo orgulhoso *Bispo* injuriado,
Por que à porta recusa do Cabido
Ir, como tu, a oferecer o *Hissope*;
Para em salvo se pôr de seus insultos,
Deixando, sabiamente aconselhado,
De venais Magistrados o recurso,
Refúgio buscará nas santas Aras
Onde Têmis preside, e firme asilo
Acham contra a violência os Oprimidos.
Os Ministros da Deusa, que zelosos
De seu altar e culto, atentos seguem
As pisadas do Príncipe famoso,
Que dando ao Sacerdócio, ao Cetro dando,
O que é do Sacerdócio, que do Cetro,
Tem de ambos dos poderes felizmente
As sagradas balizas assinado,
E defendem com pronta vigilância
Da Real Jurisdição os justos termos;
Ao *Bispo* mandaram, por seu Decreto,
Que a razão deste excesso logo assine.
À fatal vista do imprevisto golpe,
Ficando consternado o bom Prelado,
Com fraqueza a mais vil, dolosamente
(Ação bem digna só dum homem indigno!)
Do Livro mandará riscar as multas;
Negará tê-las feito, e negaria,

Se necessário fosse o mesmo *Cristo*.
Então desistirá, cheio de medo,
Da pretendida posse, e seus direitos:
E a pele convertendo, na aparência,
De fero Lobo, se fará Cordeiro. –“
Disse: e o *Deão*, de ouvi-lo satisfeito,
Mil graças dava aos *Fados*, dava ao Sábio,
Mil à Velha, que vê-lo o conduzira.
Já a Aurora, deixando enfastiada
Do potroso Titão o frio leite,
Sobre o Carro, de aljofres guarnecido,
Com um molho de rosas excitava
Ao veloz curso as remendadas Pias,
Que os freios mastigando de diamante,
Por olhos, e por ventas cintilavam
Trêmulos raios, que de luz cobriam
Os longo-apavonados horizontes:
Quando a *Velha*, o *Deão*, ambos deixando
O grande *Abracadabro*, e sua gruta,
A descansar da longa ameijoada,
Para Casa velozes se partiram.

Era já alto dia, e retumbava,
Em alegres repiques, *Elvas* toda;
Quando o *Deão* acorda o grande ruído,
E chamando os Criados lhes pergunta,
Qual do grande *Zão-Zão* era o motivo.
Então o Cozinheiro, debulhando
Em lágrimas, lhe conta que a notícia
De ter vencido o *Bispo* o grande pleito,
Que trazia com sua *Senhoria*,
Tinha, há pouco, chegando por um Próprio:
Que em todas as Igrejas não havia
Sino grande, Matraca, ou Campainha
Que, em sinal de prazer, se não tocasse,

Acabou o bom servo a triste arenga,
De seu peito exalando um grã soluço;
Mas sua *Senhoria* consolado
Da futura vingança com a imagem,
Sem alterar-se, ouviu a infeliz nova.

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014